

[ROMANCE]

UMA HISTÓRIA INDÍGENA: UM ROMANCE TAPUIA

João Emerson da Costa

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná 

edições  tempora

SINOPSE

Após testemunhar o extermínio de sua aldeia, A'uwe, último guerreiro de seu povo, parte em uma travessia guiada por memórias, espíritos ancestrais e encontros. No caminho, conhece Folha Verde, um jovem de coração livre, e outros viajantes. À medida que as águas do rio das Mortes conduzem a canoa, também conduzem A'uwe ao reencontro com a própria humanidade.

O AUTOR

João Emerson da Costa é escritor, professor e pesquisador paranaense, com formação em Letras e Pedagogia. Atua como docente na rede estadual do Paraná e desenvolve pesquisas sobre religiões afro-brasileiras. É autor do romance *7 Ponteiros da Verdade: uma Odisseia Tapuia* (2014) e do livro *Cultura Alimentar na Umbanda, vol. 1 e 2*. Em 2020, recebeu o Prêmio Pesquisadores Independentes: Difusão de Saberes e Fazer Tradicionais, concedido pela Secretaria da Comunicação Social e Cultura do Paraná.



Avalie o livro
neste QRcode

João Emerson da Costa

Uma história indígena: um romance tapuia

edições  tempora

Coordenação editorial

Mylle Pampuch

Revisão

Paula Nishizima

Diagramação

João Miranda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, João Emerson da
Uma história indígena : um romance tapuia / João Emerson da Costa ;
[ilustração do autor]. -- Curitiba, PR : Edições Tempora, 2025

ISBN 978-65-87736-28-0

1. Literatura indígena 2. Romance brasileiro I. Título.

25-272659

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Todos os direitos reservados ao autor da obra

[2025]

www.edicoestemporales.com.br

CAPÍTULO I: AMIJI-KIN

A Festa do Amiji-kin, que significa “estado de se amar; o modo certo de viver”, ia acontecer ao sol raiar, já que um grande pajé de nossa tribo tinha falecido no ano anterior e, como de costume, assim como entre várias tribos, havia guardado um ano de tristeza e de silêncio dos maracás. No entanto, o período de lamentações acabaria com o dia novo que surgiria e o sol traria nova vida e esperança. Afinal, o sol, dono da luz, traz de novo para a comunidade a alegria de viver. Eu já tinha visto esse ritual várias vezes. Com a aurora, a aldeia explodiria em cantos de alegria e festejos. Colocariam uma tora falsa de buriti no meio da tribo e, a partir de então, esqueceriam do falecido e os membros da comunidade viveriam em plenitude. Eu, membro do A’uwe Uptabi, como o mais destemido guerreiro de minha tribo, fui escolhido para trazer a caça para nos alimentar no dia da festa. Saí três dias antes dos festejos acontecerem. Eu estava feliz, pois cumpria meu papel de homem para os meus irmãos. Sentia-me poderoso e capaz de vencer o mundo. Aprendi, ao observar os brancos de longe, a usar suas armas e ferramentas como o “pau de fogo”. Numa batalha peguei um como troféu, assim como as espadas. Com o tempo fui ficando mestre nas armas “brancas”. O arco, a flecha, a zarabatana, a lança, o bodoque, desde pequeno era treinado para utilizar. Ao voltar para a aldeia, bem ao longe, enxergava algumas chamas que acreditei serem a fogueira onde as índias choravam suas últimas lamúrias sobre a memória do morto. Sim, pois o corpo, assim como os Timbiras, enterrávamos na mata longe, geralmente perto de algo que o índio morto gostava (se gostava de castanheira, enterrávamos embaixo de uma, pois sua alma ficaria presa ali e não incomodaria a aldeia. Já as crianças não; essas eram enterradas perto das ocas, pois seus espíritos não davam trabalho, nem traziam maus agouros à tribo). Fogo alto crepitando, enquanto eu chegava com

as caças nas costas. Quanto mais me aproximava, mais sentia um cheiro insuportável de carne queimada e, na minha ingenuidade, pensei: “começaram sem mim, acharam que o “grande A’uwe’ não voltaria”. Ao chegar à clareira da aldeia, meus músculos simplesmente congelaram, meus olhos eram os únicos que se movimentavam. Minha tribo ardia em chamas, já não ouvia gritos, choros de mulheres ou de crianças, pois estavam todos queimando numa fogueira central, enquanto os homens — meus irmãos, primos e parentes —, pendurados de cabeça para baixo e sangrado como animais. Depois que meus olhos viajaram por esse horror, desabei. Afogava-me em minhas próprias lágrimas. Não conseguia gritar. Aquele grito que não saía me engasgava, sufocava-me e, de repente, lá de dentro, como se minha alma explodisse, o brado saiu:

— IEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE, IEEEEEEEEEEEE!!!

Dor, grito de dor. Eu nunca tinha sentido algo assim. Eu queria arrancar meu coração, meu espírito, para não sentir mais aquilo. Não sobrou ninguém, só carne queimada e podre espalhada pelo chão de minha aldeia. Cinzas, pó e uma semente de ira e vingança querendo germinar em meu peito. Ali eu já não pertencia a uma grande nação, eu era o exército de um homem só. O grande e vaidoso guerreiro, agora me autodenominando “A’uwe”, reduzido a um espectro perdido, a uma alma que vagava entre os mortos e, mesmo vivo, sentia-me um nada e querendo partir com meu povo, fui sendo consumido por um sentimento que não me era conhecido: o fracasso. Ouvi, então, o vento dizer:

— Filho meu não foge à luta.

Era a voz do grande senhor da guerra e do aço que vinha em meu auxílio, a ideia de deixar esse mundo já havia me abandonado. No meio da aldeia, na cinza dos meus irmãos, ergueu-se um redemoinho de terra e de dentro dele a voz da grande Mãe Ewa (Terra) dizia:

— Você é A’uwe Uptabi. Sua vida não termina agora, ela começa neste momento. Use as cinzas do seu povo, como o renascer do cerrado depois que se põe fogo e o verde brota

alegre e vigoroso. Use-as para a cura, para se curar, proteger-se, use a natureza para o bem, para se fazer o bem. Vingança, ódio e rancor serão as serpentes que envenenarão seu espírito e diante de tanto mal e destruição nutra a semente da coragem. Agora você vê quão grande era seu orgulho de ser o melhor guerreiro, a sua vaidade por matar tantos índios, irmãos de terra e sangue, enquanto o verdadeiro inimigo ludibriava e enganava todos vocês. Eu sou a Grande Mãe Virgem, que só foi pisada pela pureza de seus pés que foram frutos do meu ventre. Venderam-me, trocaram-me por “paus de fogo” que a vocês próprios feririam. Ganharam espelhos para refletir o quê, além das suas ingenuidades, se vocês tinham os rios límpidos que faziam brilhar até o branco dos seus olhos? Mas o novo atrai e quando tudo aparentemente está bem vocês abaixam a guarda. As cinzas nada mais são que a grande lei aplicada. Essa destruição é só o começo. Você, índio, agora se torna caboclo. Não estará sozinho, isso eu lhe prometo como sua Mãe Terra, Ewa, que o gerou. Sua jornada começa agora; você, que teve sempre os pés firmes no chão, ágil caçador de terra, mestre nas armas e no disfarce na mata, agora seguirá seu destino, apenas com um remo, um pau de fogo e uma canoa sem pés firmes. Terá que aprender a se equilibrar. A Grande Mãe da Água Doce o ajudará nessa sua jornada, na jornada do equilíbrio. No entanto, lembre-se: sou sua Mãe Terra, sou sua pátria, seu lar, sua vida. Vá e ensine os mais jovens que encontrar e aprenda com os mais velhos que ajudar.

Eu perguntei, então:

— O que faço aqui antes de partir, minha mãe?

— Vá, já disse. — respondeu. — Não olhe para trás. Aqui onde houve o terror eu limpo, engulo e transformo em novo campo verdejante. As cinzas voltam ao meu ventre e nada se perde. Vá e siga pelo rio das Mortes até chegar ao rio das Araras Vermelhas (Araguaia) e de lá siga sempre rio acima até o bico de tucano (Tocantins) e lá encontrar meu destino.

Dei dois passos para frente e não olhei mais para trás.

Senti uma rajada de vento tão forte que parecia varrer tudo e um sussurro do vento pude ouvir:

— Este povo já não mais semeia o chão; é agora, o grão.



CAPÍTULO II: FOLHA VERDE

Tinha uma direção, um caminho. Seguia o sol nascente para chegar até o rio. Passei dias e noites andando. A mata estava calada, em silêncio absoluto, e toda vida parecia se esconder. Não encontrei caça, apenas alguns frutos e bambus para aplacar minha fome e sede. Nesses momentos de parada, as imagens de terror e genocídio me perseguiram e as palavras da Grande Mãe Terra me confortavam: “a única árvore que não dá frutos é a do desespero. Nem frutos, nem sombra, nem nada de bom”. Então, eu levantava a cabeça, secava as lágrimas e voltava para a minha caminhada. Certa tarde, aos pés de uma jurema, vi um monte de folhas verdes que choravam copiosamente. Podia ouvir seus soluços ao longe de tão altos que eram. Aproximei-me e tirei um pouco de suas folhas. Um jovem índio deu um salto assustado e correu, nem olhou para trás. Saí em disparada atrás do menino que mais parecia uma jaguatirica que se embrenhava no meio da mata. Perdi-o de vista. Mas eu era caçador, também sabia as artimanhas de como capturar alguém. Silenciei, ouvi um graveto quebrar, mais um e, no terceiro, eu já estava em cima dele. Um ouriço! Danado do jovem índio, com a traquinagem típica de um curumim, enganara-me. Fiquei tirando espinho a tarde toda. Lá do alto de uma árvore, podia ouvir as suas risadas. Ao menos, ele não chorava, mas eu, sim, de dor. O jovem índio viu que, naquele momento, eu não oferecia perigo. Desceu e se aproximou, pois viu que eu também era filho de Tupã e logo começou um diálogo:

— Você quer me fazer mal, grande guerreiro? Por que você veio sorrateiro? Por que não deu um sinal de que se aproximava, um pio de sabiá como é de costume entre os índios?

“Por que isso, por que aquilo?”, coisa de curumim mesmo, pensei. Nessa hora, notei que o jovem índio estava coberto de

folhas verdes e perguntei em tom de brincadeira:

— Você é índio samambaia?

Ele, bravo, respondeu:

— Não, “grande guerreiro do ouriço”.

Ria um riso solto que me contagiou. A lua cheia já despontava no céu quando ele disse:

— É um disfarce. O homem mau (branco) veio e destruiu tudo na minha tribo. Brincou com minhas irmãs e irmãos sem o consentimento deles e, depois que brincava, matava. Em alguns dos adultos colocaram correntes e levaram, o resto virou comida para os bichos da selva. Fiquei dois dias por perto, nas árvores, mas não aguentei o mau cheiro.

O menino, ao lembrar disso, começou a soluçar e eu, ainda contagiado pela alegria e o riso do jovem, comecei a cantar não sei de onde:

— Como é tão lindo assistir festa na mata, ouvir o som da cascata e o lindo canto do sabiá, que noite linda, bela noite de luar, foi no clarão da lua que eu vi Folha Verde me alegrar. A mata está em festa, toda coberta de flor, até os passarinhos cantam, meu caboclo, eles cantam em seu louvor, ôôôô, quanta beleza, ôôôô, belo esplendor, como é bom ter a certeza que o Folha Verde é meu protetor.

Espantado, Folha Verde (esse nome dei devido à camuflagem de folhas dele), disse:

— Eu, seu protetor?

— Sim, você vai me proteger contra o ataque de ouriços perigosíssimos!

E rimos juntos ao som da mata que fervilhava. A alegria tomou conta do ambiente. À noite, comemos e dormimos bem tarde, é claro, pois Folha Verde tinha muito o que falar. O dia veio surgindo e eu já não estava mais solitário. Perguntei ao Folhinha Verde, que me corrigiu:

— Folha Verde, grande guerreiro tapuia.

Eu disse:

— Nossa, bravo guerreiro Folha Verde, o que você quer

fazer? Seguir o caminho comigo ou ficar aqui?

Ele me respondeu com a inocência de um jovem:

— Somos amigos, pois cantamos e comemos juntos e amigos caminham juntos.

Calei-me. Emocionado, naquele momento em que fui escolhido como amigo, decidi que ia fazer dele um grande guerreiro. A dor que nos uniu, a perda de nosso tesouro mais precioso, nossa gente, agora soldava o elo de nossa amizade. Decidimos, então, que faríamos naquele momento nossa festa do Amiji-kin. O sol nasceu e nova vida começou.

— Como eu te chamo? — perguntou Folha Verde.

— A'uwe — respondi —, pode me chamar assim.

— O que significa? — quis saber.

— Basta de perguntas pelo momento.

Calados, andamos uns vinte quilômetros e ele, novamente:

— O que é A'uwe? Como vou te chamar de algo que não sei o significado?

— Folha Verde, chega de perguntas.

— Está bem —, respondeu.

Andamos mais uns quinhentos metros e ele disse:

— Olha só, mas se eu estiver te chamando de nome feio, a culpa não é minha.

— Está bem, está bem. A'uwe quer dizer "povo". Tá bom assim, Folha Verde?

— Hum, certo. Mas "povo"? Que estranho.

— Estranho por quê? — perguntei ao jovem índio.

— Sei lá, como posso dizer "Povo, venha comer", "Povo, venha me ajudar", "Povo, tô indo ali"?

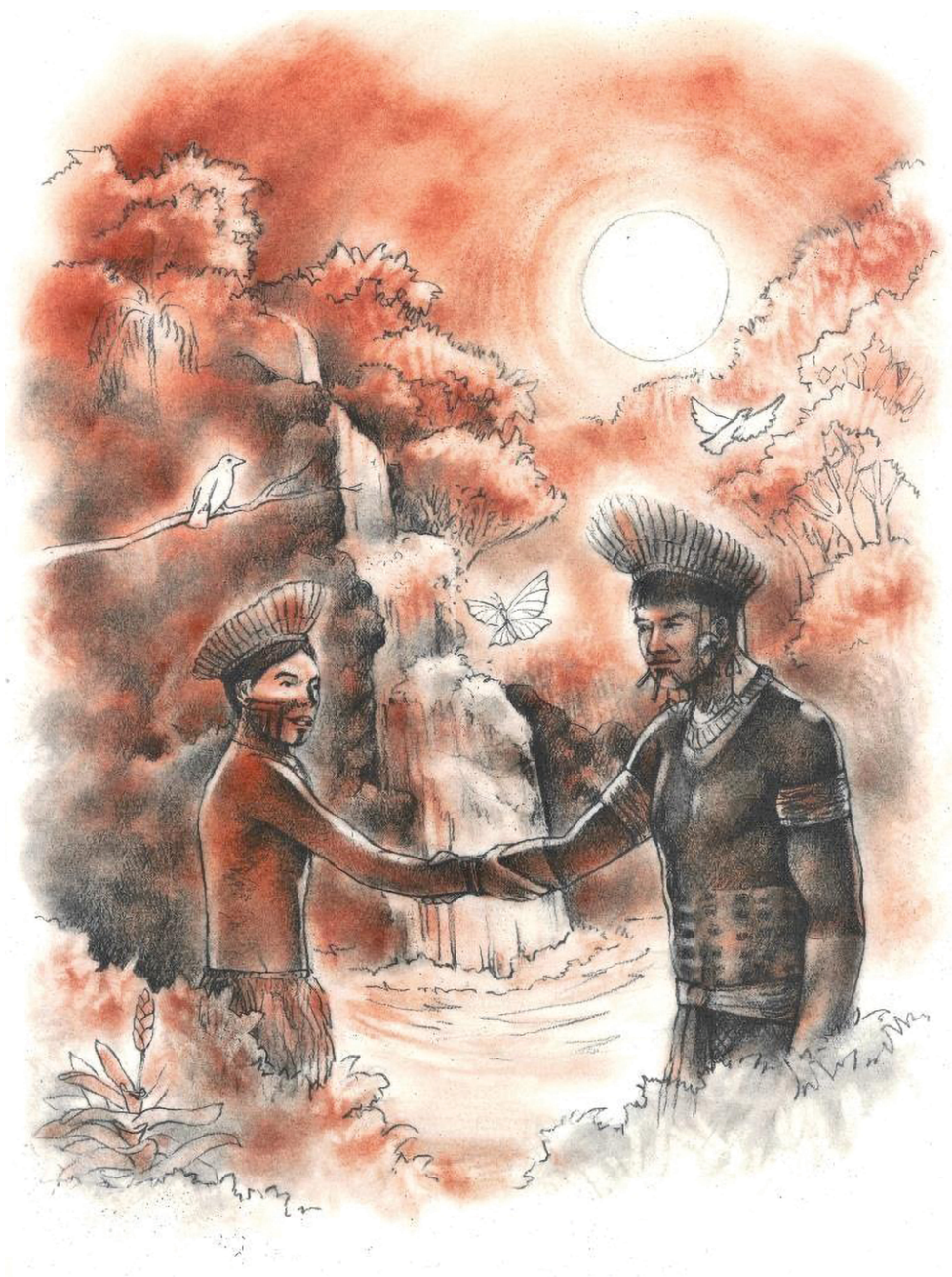
— Você, hein? É uma homenagem! Sempre vivi para defender meu povo, sempre vivi para o meu povo. Antes, minha tribo era chamada de A'uwe Uptabi, que quer dizer "povo verdadeiro". Tudo que eu tinha como verdadeiro perdi, agora vou reconstruir com você. Então, me chame de A'uwe.

— Por que não falou logo? Vocês, mais velhos, são cheios de estranhezas e silêncios. Eu, quando vejo que está tudo quie-

to, solto logo um grito e agito tudo, pois não quero ser velho.

— Isso é inevitável, Folha Verde. Veja, eu já tive a sua idade e hoje tenho 300 luas cheias.

— A'uwe, eu nem lembro quantas eu tenho. Sempre me diverti, brinquei e não fiquei contando luas, mas se é para ter um número pode ser umas 180 luas, no máximo, pois mesmo que minha carne envelheça, meu espírito ficará assim com essas luas, pois foi com elas que tive um povo inteiro como amigo, e ria, ria e espalhava essa alegria.



CAPÍTULO III: A CANOA

Folha verde tinha dois hábitos que eu teria de tolerar. Um eram os porquês e os quês e outro era o de correr na minha frente espantando tudo quanto era bicho. Ele não queria que eu matasse nada, nem para comermos. Disse que deveríamos comer palmito da Jussara, frutas, raízes, porque esses alimentos ele conhecia bem. Comer bicho ele não queria. Tive que explicar que a força que vem da carne é importante para constituição de um organismo bem forte. Nós conversávamos muito. Estávamos quase na beira do rio das Mortes quando Folha Verde disse que peixe ele aceitava comer. Acampamos na primeira noite às margens do rio, pois eu precisava ter um plano para arrumar uma canoa e providimentos para a jornada. Fiz uma fogueira e pedi para o garoto ir buscar um palmito para assarmos na brasa. Ele foi. Enquanto isso, peguei uma tartaruga — como era de costume na aldeia, comíamos tartaruga assada no braseiro —, lavei-a, coloquei-a no espeto e pus sobre as brasas. Quando Folha Verde voltou, Tupã teve piedade de mim, pois o pequeno índio jogou o palmito a meus pés e, com cara amarrada e palavras atiradas como flechas, disse:

— Tartaruga? Pobre bichinho inofensivo! Ou você, grande guerreiro, entrou em luta corporal e sobrepujou o temível réptil que o atacara cruelmente e o tornou nosso jantar?

— Era o que estava mais fácil —, eu disse.

— Então, se era pela facilidade, por que não espetou uma das mãos ou pernas para jantar? Mandou-me pegar palmito para quê? Você me acha jovem e ignorante, mas eu tenho respeito por tudo que é vivo, eu faço um agradecimento à palmeira que me dá esse palmito antes de cortá-la. Eu, jovem, sempre escutei os mais velhos, sempre estava junto aprendendo com eles. Que tal amanhã você acordar e eu ter tirado do seu peito o seu coração para a refeição de cedo?

— Rapazinho, você me respeite, eu era o melhor e maior guerreiro de minha tribo. Nasci homem e meu pai sempre me deu

ervas fortes para fortalecer minhas estruturas, para eu poder ser um grande guerreiro. Ganhei muitos jogos, matei muitos inimigos.

Folha Verde me interrompeu:

— É, vejo que para matar você é bom. Veja essa tartaruga assando aí e lembre como o seu povo foi assado pelo homem branco. Também somos parte da natureza. Acha que essa tartaruga não teve filhos ou mãe?

Estas palavras foram como flechadas que transpassaram meu peito. Falei:

— Mas você não entende!

Ele, então, respondeu:

— Quem deve entender é você! Matar não traz energia boa. Curar traz, ajudar traz. Quando alguém na minha tribo ficava doente de dentro para fora, eu via os pajés fazerem riscos nos braços e nas pernas do índio doente, para que o corpo pudesse respirar melhor e aquele sangue ruim misturado com ervas postas sobre os ferimentos fazia o bem e trazia disposição para o enfermo. Não matávamos quem estava doente, pelo contrário, curávamos, pois esse era nosso sentimento.

Falei a Folha Verde que, numa batalha, eu não podia dar atenção aos feridos, senão eu seria atingido também. Por isso, deixava-os para trás, mas falei que, na minha tribo, também fazíamos rodas de cura. Folha verde só disse:

— Não lutar pela vida é batalha inútil e não ajudar quem ainda vive é batalha perdida.

Eu não quis mais argumentar. Deixei-o dormir, mas não antes dele realizar o funeral da tartaruga, com danças e cantos, e de comermos todo o palmito que ele havia trazido. Enquanto ele dormia eu pensava: quem é este garoto que não sabe lutar, que nem é homem ainda, mas é dono de uma intimidade com a natureza que chega a me deixar envergonhado? Tenho pensado por estes dias que preciso contribuir com a formação dele também, assim como ele tanto tem me ajudado a compreender melhor o mundo que me cerca. Na manhã seguinte comecei a procurar uma árvore que eu pudesse escavar e fazer

uma canoa. Folha Verde queria que eu cantasse de novo aquela música que cantei para deixá-lo alegre lá na mata. Ele dizia que a música deixa tudo melhor. Não sei bem se o que houve em seguida foi para mostrar a ele que tem coisa que nem a música alegra. Chegamos num ponto da margem do rio onde havia várias canoas paradas. Quando nos aproximamos, espantamos os corvos que por ali estavam, e estes fizeram uma grande revoada, pois as canoas estavam cheias de corpos em decomposição. Havia índios, negros e brancos. Parecia que havia acontecido ali uma emboscada. Olhei para Folha Verde e, num rápido trocar de olhares, ele me falou:

— Nem pense nisso! Se você for usar uma dessas canoas impregnadas de dor e sofrimento, eu vou a nado, pois nadar eu aprendi desde cedo.

Não posso dizer que não me passou pela cabeça usar uma canoa prontinha, pois era só lavar bem, afinal rio era água corrente, portanto, estava tudo bem. Mas não é bem assim quando se tem um companheiro de viagem como Folha Verde. A lei do menor esforço não impera. Folha Verde já estava em cima de uma árvore chamada Landi, gritando:

— Essa aqui! Essa aqui é boa! Vai flutuar bem e a gente reforça o casco com o leite da seringueira e a resina de outra árvore.

Perfeita descrição do que havia de ser feito. Perguntei a ele se sabia pescar usando arco e flecha ou lança. Ele respondeu que não. Então, após usarmos pedras do rio para fazer machados e cortar a nossa canoa — claro, lembrando sempre que Folha Verde fazia tudo virar um ritual, pois vivia entre os pajés. Assim, após agradecermos o Senhor da Floresta, abraçarmos a árvore e cantarmos e pularmos em volta dela, derrubamo-na. Em três dias, fizemos a nossa canoa. Eu colocava a brasa para queimar uma camada da madeira, para escavar com mais facilidade, eu escavava enquanto ele buscava o sumo da seringueira, a resina, e passava para fazer a impermeabilização. Por fim, pintamos com urucum e carvão por fora. Tudo terminado, eu pensava, o pajezinho quis batizar a canoa e eu queria logo entrar no rio e

começar a remar, mas aprendi a ter paciência com Folha Verde.

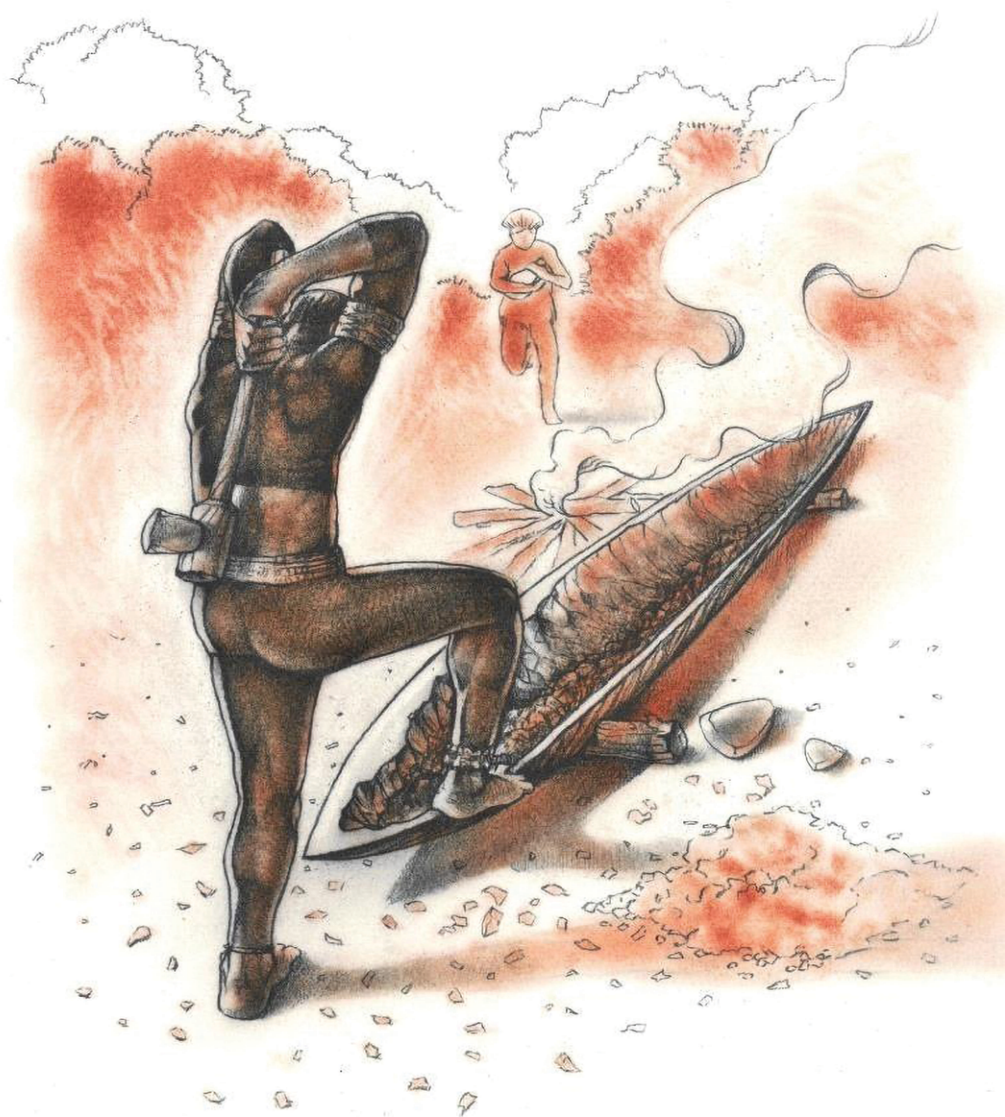
— A'uwe, vamos chamá-la de Jacy.

— De onde você tirou esse nome? Que nome forte! — falei.

— A'uwe pergunta demais —, retrucou.

— Eu? — enfim entramos na canoa e seguimos rio acima.

Subíamos o rio das Mortes para recomeçar a vida.



CAPÍTULO IV: RIO DAS MORTES

— A'uwe, por que chamam este rio assim?

— Você não viu os corpos na beira do rio? — respondi.

Aqui, neste rio, houve grandes batalhas. Homens brancos que se chamavam de bandeirantes queriam sempre a todo custo as nossas famílias, esposas, filhas e até netas para aplacar a falta das suas. Também, queriam nossas terras, nossas riquezas naturais, então nosso povo resistia a esta forma de escravidão a que eles queriam nos submeter. Um guerreiro índio prefere a morte a ser escravo. Assim, aqui muitos do nosso povo abraçaram a morte. Este rio se tornou um rio de lágrimas com cachoeiras de sangue. Aqui a água nem para beber serve. Por ser de dor e sofrimento poucos peixes vivem aqui e a atmosfera é pesada, muitos espíritos vagam por este local.

Folha Verde me respondeu de pronto:

— A minha história de nome é mais alegre, mais feliz. Se a tragédia batizou estas águas e a nossa amizade, A'uwe, me deu um nome que significa vida, pois a folha respira, renova, transforma o ar ruim em ar bom e verde também é cor da vida. Lá na minha tribo eu não tinha nome ainda, eu estava indo para casa dos meninos. Na verdade, A'uwe, você me deu um grande tesouro que sempre vou guardar em meu peito. Um nome...

Silêncio dele e eu sorri.

— Olha lá, olha lá na beirinha do rio, uma índia com um bebê! Será espírito ou gente viva?

— Não vou parar, pode ser uma armadilha e ela ser a isca.

Folha Verde disse:

— Claro que vai! E vai agora! Você tem esse jeito, não é? Como vai ajudar as pessoas se desconfia delas? Primeiro você vê o problema, depois a dificuldade e por último dá adeus? Amigo, sei que te posso chamar assim, é momento de

mudança e veja que bom sinal, que bom presságio para nós no rio das Mortes, a vida ali nos chama.

— Vamos, vira a canoa aí e vamos, senão eu vou a nado!

— Vai, nada —, retruquei

Pluft! Já estava na água nadando em direção à índia. Não tive escolha e pensei: “ele é mesmo filho do deus da floresta e de tudo que é verde, pois tem a alma livre e pura... está certo”. Virei a canoa, cheguei à margem e ele foi logo dizendo:

— Olha só, mataram todos lá na aldeia dela e ela está sozinha com o bebê. Vamos levar os dois na canoa com a gente.

Eu nem argumentei, pois não adiantaria. Ele sempre me dava uma volta. Colocamo-nos na canoa e seguimos. Ia anoitecendo e Folha Verde disse:

— Conte-nos uma história do seu povo, A’uwe.

Pensei em várias e resolvi: “A origem do fogo”.

Um dia um Akuen chamou seu cunhado que ainda era uma criança e disse para acompanhá-lo, porque eles iam apanhar filhotes de arara-vermelha. Quando chegaram ao pé do morro, o índio Akuen apoiou um pedaço de tronco junto à encosta para que o menino subisse, uma vez que no alto havia um ninho de araras. O menino subiu, mas não quis tirar os filhotes de lá. O cunhado, irritado, ameaçou tirar o tronco e deixá-lo lá em cima. Mesmo assim o menino disse que não iria retirar os filhotes e pediu para voltar para casa. O cunhado, raivoso, retirou o tronco do pé do morro, deixou o pequeno índio sozinho e foi embora. Vários dias se passaram e o menino permaneceu lá com fome e sede e foi ficando fraco. Um dia, chegou a pantera pintada (onça). Ela era um Akuen que tinha virado bicho. Quando viu o menino ficou com vontade de devorá-lo, então perguntou:

— O que você está fazendo aí em cima?

O menino, com medo da onça, contou-lhe o que havia acontecido. Então, a onça lhe disse:

— Muito bem! Se você não quer que eu o coma, jogue os filhotes de arara.

O menino, então, jogou todos os filhotes e a onça comeu todos. Depois de satisfeita, colocou um tronco no pé do morro e disse que ele podia descer. Mas ele, ainda com medo, disse que não desceria, pois ela ia devorá-lo. A onça insistiu, prometendo que não o comeria, mas cuidaria dele, pois estava muito fraco e, se ficasse mais tempo ali, poderia morrer. Com medo, mas com muita fome e sede e acreditando na onça, o menino foi descendo bem devagarzinho. A onça colocou-o nas costas e o levou para sua casa. Quando lá chegou, a onça fêmea ficou um pouco irritada porque a onça macho havia trazido aquele menino tão magro e tão feio.

Nisso, o bebê chora no colo da índia e A'uwe dá o remo a Folha Verde, que ouvia tudo muito curioso, pega o bebê da mãe, põe em seu próprio colo, dá uma fruta à índia e continua ninando o curuminzinho.

Então, continuando, a onça fêmea aceitou criá-lo. Como eles já tinham fogo, deu-lhe um pedaço bem grande de carne assada. O menino comeu tudo e mais um pouco. O tempo passou e o menino ficou grande, forte e bonito. Na aldeia, seus parentes estavam com muita saudade, pois já fazia muito tempo que ninguém sabia dele. Um dia a onça disse: "Vou levá-lo para casa, pois sua mãe e seus parentes já o estão esperando há muito tempo" e levou-o para a aldeia. Ao vê-lo, a mãe chorou, pois ele já era um homem feito. Então, o jovem contou como viveu todo aquele tempo e como a carne era assada no fogo. Na aldeia, não sabiam o que era fogo nem carne assada. O jovem falou que deveriam buscar o fogo, mas teriam que se enfeitar e se pintar com urucum e pau-de-leite. Na manhã seguinte, pintados e enfeitados, saíram bem cedo e chegaram à casa da onça. Lá, avistaram um fogo muito grande, pois a onça havia colocado um tronco de Jatobá na fogueira e pensaram: "quem vai carregar este fogo enorme?". O mutum foi o primeiro a se dispor a levá-lo, mas os Akuens não aceitaram, dizendo que ele ia levar o fogo para o brejo e assim o apagaria. Então, o suaçu-apara (grande veado-galhei-

ro), disse que levaria o fogo e todos concordaram em ajudando-o. Ao chegar, colocaram o fogo no meio da aldeia e, em seguida, repartiram-no entre todos. Por isso, hoje todos têm como moquear a carne e todos cozinham com fogo. A essa altura, o bebê já dormia tranquilo. Folha Verde já havia parado a canoa em um banco de areia no meio do rio e também adormecera. Eu, cheio de esperança ao lembrar dos antepassados, coloquei o curumim no colo da mãe, desci da canoa, peguei a lenha que tínhamos e fiz fogo para espantar os bichos. Adormeci na areia. Quando o sol lançava seus primeiros raios no céu, eu, acordando, percebi uma linda mulher dourada segurando um manto no qual parecia ter uma criança. Era a índia que ajudamos na noite anterior. A Dourada Senhora disse:

— Hoje, você se torna um guerreiro completo, pois demonstrou que, além de mente, cabeça e bons membros para as artes da guerra, você tem o mais importante músculo do corpo humano cheio de amor e carinho, onde estava tudo guardado e represado por uma formação e um modo de vida que impediam o homem de amar e de sentir compaixão. Aqui, neste rio, onde Eu, a Senhora Suprema das Águas Doces que correm sobre a terra, chorei sua nação morta pelos Brancos. Aqui, neste rio de tantas mortes, onde chorei os filhos meus, um índio encontrou a vida que pulsa em um coração agora cheio de amor e caridade. Aprenda, caboclo, que quando algo lhe entristecer, volte ao começo e recomece. A vida não acaba quando a carne fica fria, pois outra viagem começa. Grande guerreiro, filho do Senhor dos Metais e das artimanhas supremas das guerras, eu lhe darei este presente pelo ato de amor e caridade que teve com uma estranha. Dou-lhe este manto de nome “equilíbrio”. Quando o puser na água, os peixes virão ao seu encontro e não se esforçará mais para comer.

Então, estendendo a mão, deu-me seu manto, onde já vinha um belo peixe embrulhado. Afastando-se e entrando no rio, ainda de costas para mim, cantou com uma voz que fazia carícia aos meus ouvidos:

— Vá, guerreiro da espada, nesta terra que chamam de

Santa Cruz! Vá, guerreiro que o Grande Pai sonhara! Vá, guerreiro, pelos rios de mãe Yara! — e desapareceu dentro das águas do rio.

Nisso, Folha Verde acorda, dá um salto da canoa e diz:

— A'uwe, você não foi capaz de jogar a mulher e a criança na água, não é?!

— Claro que não —, eu disse.

— Então, cadê a índia e o bebê? — perguntou.

— Você não vai acreditar se eu contar. — respondi.

— Tente. — Folha Verde falou.

Depois que contei, ele, muito sério, perguntou-me:

— Onde você pôs?

— Pus o quê? — falei.

— O Cauim.

— Está maluco, Folha Verde? Onde e como eu ia arrumar o cipó para o Cauim? Você está comigo o tempo inteiro!

Folha verde falou:

— Só um detalhe, poxa! Fui eu que me joguei na água para ir ajudá-la.

— Sim, eu sei disso — respondi —, e por isso eu te agradeço! Como você já tem um coração transbordante de amor e compaixão, ela usou você para chegar neste homem que era só armadura, uma máquina de matar, mas isso vai mudar e você, pequeno grande homem, será sempre e por todos os rios e terras que andarmos, meu amigo, terá sempre uma parte de meu espírito com você, naquilo que você mais precisar, pois amigos trocam, não é isso? Meus dons sempre estarão contigo.

E, com os olhos cheios d'água, Folha Verde me abraça e diz:

— Meus dons também estarão contigo, meu amigo. — dito isso, coloquei o manto dado pela Grande Senhora Dourada sobre nós dois.

Comemos o peixe que ganhei e saímos do banco de areia seguindo nossa jornada. Tive que repetir a história várias vezes. Claro que não falei tudo sobre os poderes do manto e sobre a vida que continua, pois achei cedo para falar isso a ele, mas como assunto a Folha Verde não faltava, não houve problemas nessas

pequenas omissões que, chegada a hora, viriam à tona. Remei quase o dia todo enquanto Folha Verde perguntava, ora da Senhora, ora da história do fogo, ora cantava, quando não queria dançar na canoa. Em certo momento, veio a pergunta sobre uma observação que ele fez. A um filho do senhor das matas, nem uma folha cai sem ser percebida sobre minha conduta na canoa.

— A'uwe como você manuseia tão bem a taquara e o remo? Achei que era bom de lança e flecha.

Respondi:

— Certa vez, em uma batalha contra os Avás-Canoeiros, terríveis guerreiros que não queriam contato com o homem branco nem com outras tribos, capturei o filho do cacique e, em troca da vida do filho, ele disse que me ensinaria as destrezas do manuseio dos remos e a arte da caça, da pesca e da guerra sobre as canoas. Na época, não entendi bem, mas aceitei, pois Tupã tem desígnios a nós que não devemos questionar. Não quero parecer convencido, mas aprendi tudo rápido, pois sempre me dediquei. Assim como você, Folha Verde, tornou-se o sábio das folhas apenas observando, eu me tornei mestre nas armas de guerra. E continuei. Nesse momento, principalmente depois do que disse a Dourada Senhora, que eu seria filho do Senhor da Guerra, entendi o sentido de minha vocação natural, mas com ela e com você, Folha Verde, aprendi que, se não for para manter a paz e o amor, a luta é vã ou nos trará prejuízos para a alma. Antes, eu matava porque era guerreiro e o cacique ordenava. A minha função era essa. Eu pensava que matando para me defender não causava mal ao meu espírito, mas eu não entendia que o outro lado também estava de alguma forma se defendendo e matava. A lei é para todos, se é justa é igual para quem ataca e para quem se defende. Aos olhos de Tupã, toda matança é má.

Folha Verde, então, falou:

— Nossa, aquele Cauim ou o cachimbo da paz que você fumou estava bastante forte, não? Você ficou tão filosófico.

O garoto falava isso rindo, mas ria tanto que nem me irritava mais. Eu achava bonito aquele jovem ter tanta alegria

mesmo depois do que havia passado. Seu riso era uma renovação. Como remei o dia todo, ao cair da noite, encostei a canoa na margem do rio e fiz fogo. Pedi para Folha Verde fazer uma esteira de folhas de buriti e, mais adiante de onde estávamos, coloquei o manto na água e vários peixes vieram. Peguei o necessário e voltei. Folha Verde não tinha feito a esteira que pedi. Aliás, poucas vezes fazia o que eu pedia, pois gostava de ser livre. Era realmente um espírito livre da floresta. Como o mais velho, senti como 300 luas cheias pesam nessa hora. Foi, então, que perguntei:

— O que você está fazendo com as ponteiras de pedra de minhas flechas?

— Ué, como você foi pescar e não levou o principal material, achei que ia convencer os peixes a pularem no manto. E, pelo jeito, você está bom de conversa, hein, A'úwe? Porque o manto está cheio.

— Mas você quebrou as pontas de minhas flechas para quê?

— Para marcarmos os lugares por onde passarmos ou dar de presente para as índias que pegam carona e desaparecem da canoa —, disse em tom de ironia.

Folha Verde não era fácil de convencer, mas, enfim, quando me virei, a esteira já estava pronta dentro da canoa, então, falei:

— Nossa, que rapidez, hein?

— Você não convence peixe a pular na rede? Eu convenço as folhas a se trançarem sozinhas.

E sempre ria, como se soubesse dos poderes do manto. Enfeitou as ponteiras com penas vermelhas, azuis e brancas e palhas trançadas. Comemos. Ele, falante como sempre, cantou uma música para, digamos, deixar engraçada a história do fogo:

"Akuen domina o bicho, Akuen domina a fera, Akuen vence onça lá no meio da tapera, o fogo que vem, traz calor e gratidão, Akuen, Akuen é do fogo seu guardião".

Tudo virava música para Folha Verde. Então, adormecemos e, de madrugada, escutei um barulho entre as folhas. Pres-

tei atenção e percebi que não era animal. Sem flechas e com 7 ponteiras enfeitadas, resolvi usar o remo para nos proteger de um possível ataque.

CAPÍTULO V: ÍNDIO DA MANHÃ

De remo em punho, vi sair detrás do pé de buriti um índio fraco, que mal conseguia respirar. Ele se aproximou de mim e desmaiou. Rapidamente, acordei Folha Verde, que identificou que a fraqueza devia ser pela perda de sangue que saía de um ferimento logo abaixo das costelas. Folha Verde fez uma mistura de folhas e pediu para eu amassá-las com pedra da mata e com a água das bromélias. Nisso, ele era doutor, apesar da pouca idade. Segui à risca. Pegou uma ponteira, mergulhou naquele caldo verde e após deixar a pedra da ponta em brasa na fogueira fez uma cauterização do ferimento. Pressionou as ervas e as deixou ali o resto da madrugada. Com o raiar do sol, o caboclo ferido acordou e, já sem febre, comeu peixe e tomou a água que ofereci. Ainda em silêncio, olhava para baixo. De repente, ergueu os olhos e murmurou:

— Tudo acabado!

Folha Verde estendeu a mão e, em seguida, colocou-a sobre seu coração. Impressionante como um gesto pode substituir mil palavras. O índio, depois de outro longo silêncio, com os olhos ainda tristes, disse:

— Obrigado por me ajudarem. Estamos em tempos de guerra. Guerra com os brancos e guerra com os nossos próprios irmãos. Por isso, quando existe solidariedade, ela deve ser recompensada.

Foi então que eu disse:

— Eu sou A'uwe e este é Folha Verde. Não fizemos nada de mais, nada que você certamente não faria por nós.

Então, o índio da Manhã contou sua história:

— Eu sou um navegador, mas não como vocês, que usam a água para chegar ao seu destino e fazer o seu caminho. Eu sou um navegador de estrelas. Eu as compreendo, as leio, as ouço. Me chamo Índio da Manhã porque sempre esperava o Sol se levantar para poder descansar de meu trabalho, pois ele apagava todas as

outras estrelas. Eu não era guerreiro, não gostava disso. Eu gostava de falar com o vento e com o firmamento. Não era pajé e não era cacique, mas eu era respeitado pelo dom que eu tinha. Uns achavam que era adivinhação, mas eu só falava o que lia, o que compreendia. Navegador, isso eu era, e, navegando pelas estrelas, vi a Dor que chegaria. Como nunca errei nada, achei que podia estar errando pela primeira vez ou que tinha ficado surdo e cego e que não conseguia navegar mais. Mesmo assim, segui a intuição e fiz mapas de rotas de toda floresta, pois sempre vi que o céu era o espelho da terra e a estrelas pontos de referência. Um dia, acordei de sobressalto, pois acontecia a maior festa na minha tribo com muitos cantos e danças. Fui passando pelos meus irmãos e quando cheguei no meio do círculo, vi o símbolo máximo da vitória de nossos guerreiros sobre os homens brancos: uma cabeça espetada numa lança, onde todos já haviam passado a mão e cusvido. Não consegui me virar de terror. Aquele símbolo de vitória era a Morte do meu povo, a desgraça que as estrelas anunciaram. Saí para a mata. O pajé já morava fora da tribo, então, fui ter com ele. Ele tinha um dom: ele era curador. Então, me deixou em sua oca e foi para a tribo. Passaram-se quinze dias e nada de o pajé voltar. Por isso, fui atrás dele e no caminho o encontrei caído, mas vivo. Foi então que ele gritou:

“Não se aproxime de mim! Vá! Corra, você é o único que sobrou! Corra ou a sombra da morte o alcançará! O homem branco fez armadilha para nós. Deixou um homem doente de gripe ser capturado por nossos guerreiros, pois sabiam dos nossos costumes, não precisaram gastar munição, nem perder muitos homens em batalha, apenas nos observaram, estudaram e destruíram toda nossa nação. Vá o mais rápido que puder! Lembre-se das estrelas, deixe-se guiar por elas, seu dom é a sua salvação.”

Fiz o que o grande pajé mandou. Andei, corri. Por vezes, sentia o hálito frio da morte em meu pescoço, mas as estrelas me ajudaram. Um dia, há algum tempo sem comer, as forças me faltaram e eu caí de uma pedreira. Rolei e fiquei preso entre as pedras. Naquele momento, achei que minha hora tinha chegado.

Na noite anterior, vi a grande cruz no céu brilhar como nunca, o grande Cruzeiro do Sul. E ali, me vendo naquela situação, pensei que aquele Cruzeiro seria a marca de onde parti para junto das estrelas. Nisso, o vento soprou forte, muito forte e senti atrás de mim a presença de uma mulher que dizia:

“Eu sou a Senhora do Vento, do vento que você venera, que você ouve e que compreende. Sou o vento que guia os mortos ao seu lugar certo. Sou a Senhora que guiou seu povo pelo Vale da Morte até a fonte da nova vida com os antepassados, mas também sou o vento que cura e que salva, pois na natureza tudo serve ao grande Criado e, neste momento, por seus méritos e por nunca usar seu dom para proveito próprio e, sim, para ajudar seu povo, eu o salvo do abismo da morte.”

Não sei como, o vento me arrancou das pedras que me prendiam e quando já me encontrava a salvo no chão, a Senhora continuou:

“Sua missão não finda agora, ela recomeça. Vá até o rio das Mortes e, chegando lá, você vai fazer um desenho, o caminho seguro. As estrelas falaram para você entregar a dois índios que, assim como você, recomeçam a nova vida. Faça isso e eu, a Senhora do Vento, prometo a você que, quando for chegada sua hora de ir para as estrelas, vou torná-lo meu cavaleiro e, com apoio do Senhor das Armas, será o protetor da constelação que achava ser sua marca de morte.”

E, assim como veio, foi-se num rodamoinho de vento dizendo:

“Vento, vendaval, ventania, rodamoinho, furacão, tornado, tufão, brisa, todos os meus filhos, todos são o ar em movimento. A chave para a mudança, Índio da Manhã, é o movimento.”

E aqui estou eu. Navegando pelas estrelas, cheguei até vocês. Aqui está o desenho da rota a seguir. Olhem as estrelas no céu, deixem-nas os guiarem.

Nisso, Folha Verde, que escutava tudo muito atento, falou: — Nossa, o povo está mandando ver no Cauim mesmo, hein.

— Respeito, Folha Verde! Cada um tem sua história. — eu disse.

Agradei, mas como ele ainda não estava totalmente curado, convidei-o a partir conosco. Ele aceitou. Agora, quem dava as repetidas explicações ao Folha Verde era ele. Pelo menos eu me concentrava no rio. Resolvi não parar naquela noite e remei a madrugada inteira. Por momentos, pedi ajuda do Índio da Manhã para interpretar as estrelas e os desenhos. Ao nascer do sol, eu disse que ia parar para descansar e que ele também fizesse o mesmo. Pedi a Folha Verde que tomasse conta da canoa e da comida. Acordei com música, imagine! Com Folha Verde por perto, ou você acorda com risada, ou com música. Assando um palmito, cantarolava:

"Que caboclo é aquele que vem cavalgando no céu azul, é um grande navegador que protege o Cruzeiro do Sul, a senhora do vento assim falou e prometeu, o Senhor da Guerra o tornou cavaleiro seu..."

Folha Verde era impressionante: ele ficava atento aos detalhes das histórias e os transformava em música. Dizia que assim as gerações cantariam e se lembrariam mais facilmente.

— Bem — falei enquanto comíamos —, um dia dormiremos, acordaremos com raiz e viraremos árvore de tanto palmito.

Folha Verde rapidamente retrucou:

— Ou com escamas e com rabo de peixe, não é? Porque você só traz peixe. Aliás, eu como o que gosto e você o que quiser.

O Índio da Manhã só ria. Após comermos, seguimos viagem e, antes da noite cair, o Caboclo da Manhã pediu para deixá-lo na próxima curva do rio. Assim, encostei a canoa, peguei uma das ponteiras enfeitadas e dei para ele, dizendo que era o símbolo de nossa amizade, da força de um povo, da raça, da coragem e do amor. Ele, então, disse:

— Sete vezes vou cantar para cada povo destruído que eu encontrar pelo caminho a história da amizade de vocês, da caridade e do compromisso com a vida dentro do rio das Mortes e prometo, A'uwe, que a devolverei a você, e você não será mais o mesmo, mas será o melhor que existe em você. Lembre-se: "forte

é aquele que consegue segurar o que tem na mão”.

E, assim, o Grande Caboclo da Manhã embrenhou-se na mata e seguiu as estrelas. Ficamos ali naquela noite. Folha Verde, mais uma vez, disse:

— Poxa, você nem falou que fui eu que fiz as ponteiras, viu como foi útil?

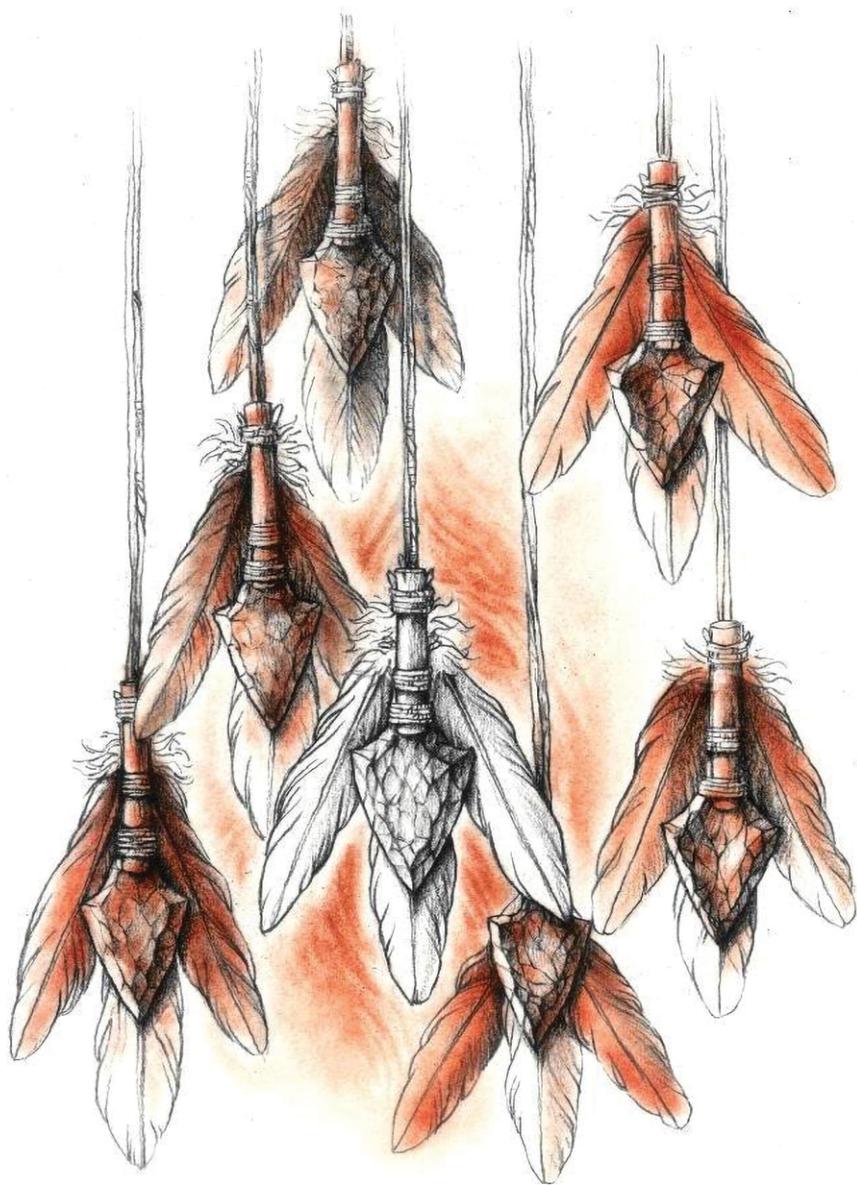
— Sabe que só temos a nossa amizade, Folha Verde. O que é meu é seu e espero que a recíproca seja verdadeira.

— Hum, é! Então, me dá manto da Senhora para eu dormir.

— Esse ainda não —, falei. Mas, como a minha palavra nunca era a última, ele disse:

— O que é seu, é meu”, sei...

Comemos e dormimos sob as estrelas, que agora eu sabia que falavam, era só saber ouvir a língua delas.



CAPÍTULO VI: CHEGOU TUCURUVÚ

Na medida do homem branco, o rio das Mortes teria uns 580 km de extensão e vencer tudo isso numa pequena canoa a remo não era tarefa das mais fáceis, mas eu tinha o Folha Verde. Aos poucos, fui vendo que ele cuidava mais e mais de mim: fazia bebidas especiais para me dar força e disposição e, caso tivesse algum mau jeito muscular, ele logo usava banha de peixe para fazer massagem com outras ervas. O rio estava calmo e Folha Verde, atipicamente, fazia silêncio. Perguntei por que e ele respondeu que precisava entrar em contato com seus antepassados para compreender o futuro que se aproximava. Eu respeitei. Mais um dia se passou e, de súbito, a canoa tremeu, e num pulo só, um índio forte e robusto apareceu na canoa gritando:

— As sombras querem me levar para o homem branco, mas agora somos três e vamos vencer! Você, pegue este pau de fogo! Você, as ponteiras, e eu uso o remo.

Eu, pasmo, e Folha Verde, assustado, dissemos para ele:

— Quem é você? Quem você pensa que é na ordem do dia para entrar na minha canoa e ir me dando ordens?

— Eu, grande Tucuruvú, chefe dos guerreiros das matas do Senhor da Guerra.

Como o papel de questionar era de Folha Verde, dei a ele esse gosto, então o esperto índio perguntou:

— Grande guerreiro, chefe dos chefes, cadê seu exército? Você está fugindo da sua sombra. Eu sou amigo da minha. Com essa cara de assustado, você não vai espantar ninguém. Se acalme, tome água, coma uma fruta e aí podemos conversar.

Folha Verde parecia ora esquentar a alma mais fria, ora esfriar a mais quente. Remei mais umas duzentas braçadas, encostei a canoa e, como de costume, fizemos fogo, procuramos comida e conversamos com Tucuruvú, que sempre estava com o semblante fechado e sério. O índio nos contou a sua história:

— Depois de um dia de muito treinamento, quando meus guerreiros foram descansar, eu senti o apelo do Grande Senhor da Guerra e da Lança, para que conversássemos a sós. Fui para o alto de um morro afastado da tribo, onde eu fazia oferendas ao Senhor que me dava as habilidades para as lutas. Concentrei-me e não vi o tempo passar. Na verdade, passaram-se dois dias e, nesse tempo, eu estava feliz, pois pude compreender o que o Grande Senhor das Armas tinha conversado. Ele me disse que eu seria o maior guerreiro da minha tribo e que meu nome ecoaria pelos tempos. Consumido pela vaidade, voltei para minha tribo, que estava feita de cinzas e pó. Não acreditava! Eu gritava: “Tucurumã, Tucurumã!”, mas meu irmão de sangue não estava mais ali. Os homens brancos, que são como gafanhotos, vêm, tomam conta, destroem tudo e vão embora. Aquela cena me deixou mal, mas eu era guerreiro e precisava lutar. Foi quando me lembrei de uma palavra a qual meu Senhor protetor falou: “Tucuruvú, você será o único e maior guerreiro da sua tribo”. Se a vaidade não tivesse me cegado, eu teria levantado depressa e talvez estivesse com meu povo ou, pelo menos, teria salvo alguns deles. Fui ao grande poço pegar água para beber, mas não pude, regurgitei. Nossas mulheres, mães, irmãs, irmãos, todos jogados lá dentro, de onde o cheiro impregnava o ambiente. Desnortado, pois eu não tinha feito planos para aquela situação, nenhuma estratégia de batalha funcionaria. Agora, a culpa consumia a minha alma. Meu Senhor tentou me avisar, mas foi em vão. Sem armas, triste e me sentindo o causador da desgraça do meu povo, mergulhei no rio e comecei a nadar, acordei na margem esquerda depois de umas duas mil braçadas. Acordei com cinco sombras negras como a noite me velando, tinham uma das armas dos brancos que saía fogo. Joguei-me no rio novamente e estou aqui agora.

Folha Verde disse:

— Estamos em tempos de guerra. Não parece que esses brancos brotaram da terra? Será que fomos nós que semeamos essas ervas daninhas e nem percebemos, hein, A’uwe?!

Quando ouviu esse nome, Tucuruvú falou:

— Também sou Xavante e, antes de tudo, pertenço à nação Akuen.

Folha Verde disse:

— Ufa, ainda bem, senão eu ia ter que ouvir a história do fogo e da onça.

Eu ri e Tucuruvú me perguntou se eu não tinha nome, um nome dado pelo pajé. Perguntou ainda por que eu usava o nome A'uwe e se isso queria dizer "povo". Lágrimas também rolam dos olhos de guerreiros e entre lágrimas, num choro contido e estrangulado, respondi que o índio que eu era morreu com meu povo e meu outro nome também. Uso esse nome porque sou um homem que representa a memória de um povo de verdade, de um A'uwe Uptabi, que quer dizer povo verdadeiro. Tucuruvú bateu a cabeça no chão para meu amigo, Folha Verde, e eu fiz o mesmo, pois sabia que era uma honraria. Quando erguemos as cabeças, as "sombras" nos rodeavam. Falei rapidamente a Tucuruvú:

— Se acalme, aqui, no desenho que o grande navegador das estrelas, o Índio da Manhã, fez está esse encontro, vamos tentar conversar, se é que as sombras falam.

A sombra mais alta, de mais ou menos uns dois metros de altura, começou a falar no dialeto que meus avós usavam para se comunicar entre povos diferentes e foi dizendo:

— Fomos arrancados de nossa terra, do outro lado da grande água salgada, do outro lado do grande ventre da Senhora Suprema do Mar, lemanjá. Aprisionados como animais, viajamos meses empilhados no porão de um navio, enquanto vários de nossos irmãos morriam sobre nós e no meio de nós. Depois, eram jogados na grande calunga, no mar da grande mãe sereia. Quando chegamos aqui, servimos como bichos de carga, de plantio e para outras coisas inomináveis. Tentaram tirar até nossa forma de cultuar nossos deuses, mas isso não conseguiram. Eu fugi, mas uma tribo de irmãos de vocês me acolheu, pois, certo dia, quando um branco tentava estuprar uma índia, eu o matei a pauladas e ela contou para o cacique que me recebeu com alegria. Assim, tive um lar. Na minha terra, eu pertencia a uma tribo, eu era de um lugar chamado

África, então, não foi difícil para eu me adaptar aos costumes aborígenes daqui. Aqui, me chamam Zumbi, pois vago por esta terra, ajudando meu povo a ficar livre, sou um espectro para os brancos, que me temem. A dor e o sofrimento nos tornam irmãos, índio A'uwe. Por isso, queremos repartir com vocês, guerreiros desta terra, nossa forma de cultuar nossos Orixás a quem vocês chamam por nomes diferentes, mas são as mesmas forças que atuam na natureza e no homem.

A essa altura, curioso como sempre, Folha Verde interrompe a “sombra” que falava:

— Olha só, ouvi certa vez, numa roda de pajés, que os homens-sombra matam bichos nos seus rituais e, por isso, vou logo avisando: comigo, não, porque eu quero mais o bicho vivo, andando, voando. Mato se necessário, mas somente assim. Como para sobreviver, mas antes peço permissão pro espírito do animal. Eu nunca comi gente, quanto menos bicho e foi mesmo sorte minha não comer gente. Todos os outros comiam achando que ganhariam os seus dons e no fim acabavam ficando com as mesmas pestes. A sombra mais alta falou:

— Esse realmente é filho do Senhor das Matas, do caçador, só que este filho do senhor de tudo que é verde será um dia caçador de almas perdidas. Filho de Oxóssi, de nome Folha Verde, eu o saúdo e ao seu espírito também. Okê! — e continuou —, vocês, dois grandes guerreiros do Fogo e do Aço do Senhor, que com o levantar de um braço vence batalhas e demandas, eu os saúdo e aos seus espíritos, Ogunhê!

O interessante foi que eu não achava nada daquilo um absurdo e, em concordância com Folha Verde e Tucuruvú, resolvemos ficar acampados juntos mais alguns dias para aprender como eles lidavam com o barro, pois diziam que o barro é vida e a forma que damos ao barro quando ganha o axé do orixá, ganha vida e função também, mas não aos olhos da carne e, sim, aos olhos do espírito. E assim, nessa troca cultural, ensinamos como era nosso costume aqui e aprendemos como era o deles lá. Como amigos, trocamos, assimilamos informações, aprende-

mos o nome dos deuses deles e, por fim, descobri que o nome da dourada Yara, Senhora da Água Doce, para eles, era Oxum. Também, que o Senhor do Arco e da Flecha e de tudo que é verde era Oxóssi. Que o Senhor do Aço e das Batalhas era Ogum. A Senhora do Vento, do Raio e da Chuva era Iansã. Que o dono das pedras e do trovão era Xangô, que o Grande Pai é Oxalá e a Grande Mãe é Iemanjá e muitos outros que só tem outra forma de serem nominados, mas que nos ajudam a ser melhores como seres vivos. Magias, feitiços, encantarias, danças, tudo isso também ouvi de dentro da minha canoa, que pude perceber como era grande para caber tanta gente. Admirado com isso, ouvi a sombra grande dizer:

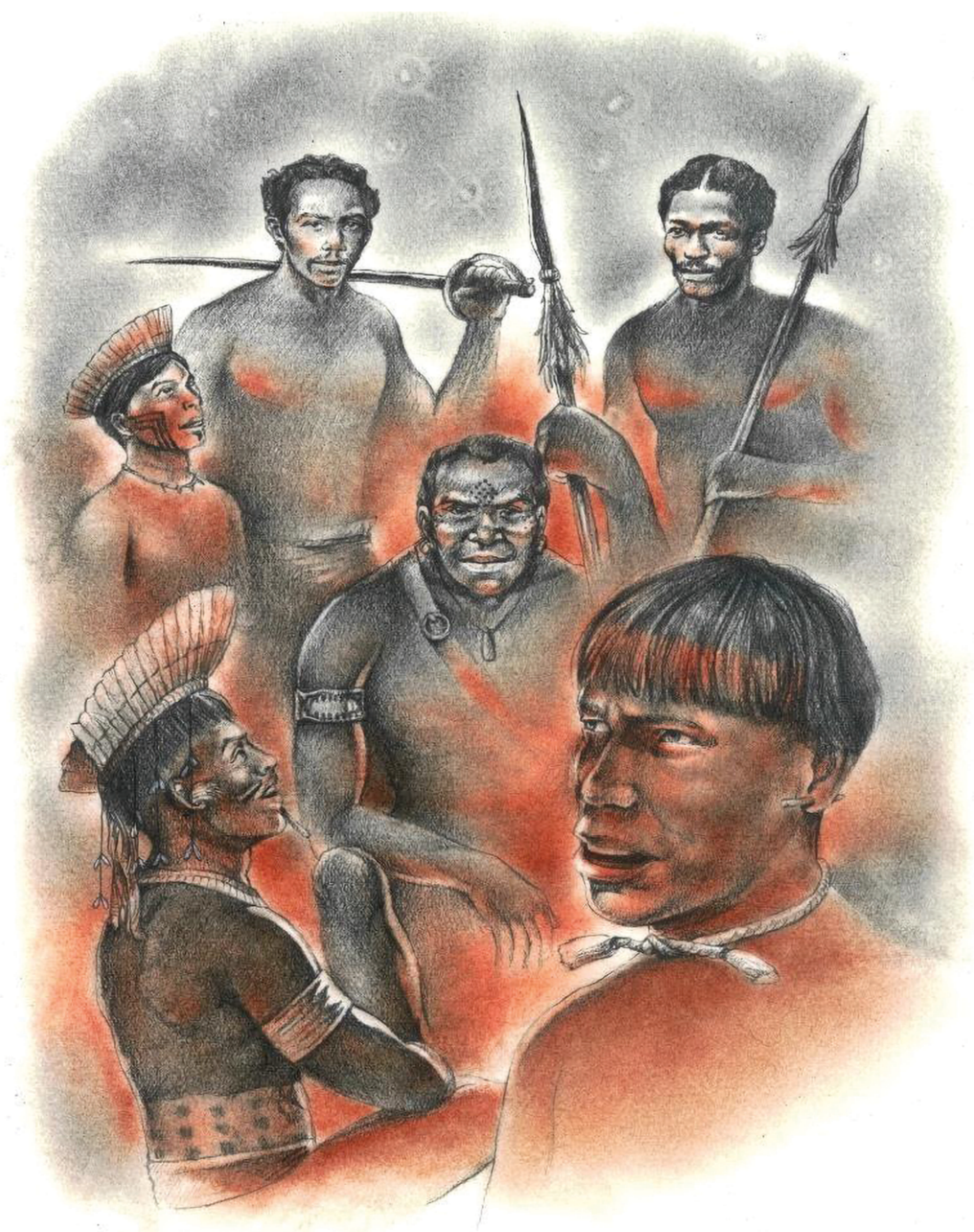
— A canoa da solidariedade não afunda nunca. Ela é a salvação desse mundo que agora está em guerra, mas, como tudo muda, um dia todos nós seremos livres.

As sombras pediram para descer da canoa, pois já tinham feito o que os búzios deles ordenaram e seguiram. Tucuruvú ficou mais um dia todo conosco e, no final da tarde, pediu para descer também, disse que ia fazer em terra o que eu fazia na canoa pelo rio, ou seja, ia agregar outros desamparados e formar um novo povo com os aprendizados das sombras também. Assim, peguei a segunda ponteira enfeitada e entreguei a ele. Falei que era a celebração de mais uma amizade da resistência da vida e ele do alto do barranco disse:

— Sete beiras vou abrir e em cada beira ou caminho aberto vou contar a história que vivi na canoa de A'uwe e Folha Verde. Estes sete caminhos serão coragem, força, amor e respeito, pois tudo isso aprendi com vocês.

E como que fazendo uma previsão, Tucuruvú disse ao jovem Folha Verde:

— Um dia vamos nos encontrar de novo, juvenzinho, e, quem sabe, me dará a honra de dividir uma cavalgada no mesmo cavalo, assim como dividimos a mesma canoa.



CAPÍTULO VII: PORANGATÚ

Folha Verde disse, após a ida do índio irmão, que achou ele meio quieto, que não dava muita conversa. Respondi:

— O guerreiro estava se reinventado, se compreendendo e vendo que todas as técnicas mirabolantes de batalha nada adiantaram e que as armas agora seriam outras.

— A'uwe você sabia que o seu nome está sendo escrito a cada curva desse rio?

— Bobagem! Estou sendo mais auxiliado pelos espíritos dos antepassados do que tenho feito algo para ajudar.

— Me conte uma história daquele povo bravo, os Avás Canoeiros que você conheceu e que não queriam conversar com ninguém.

— Está bem. É a "lenda de Angatu".

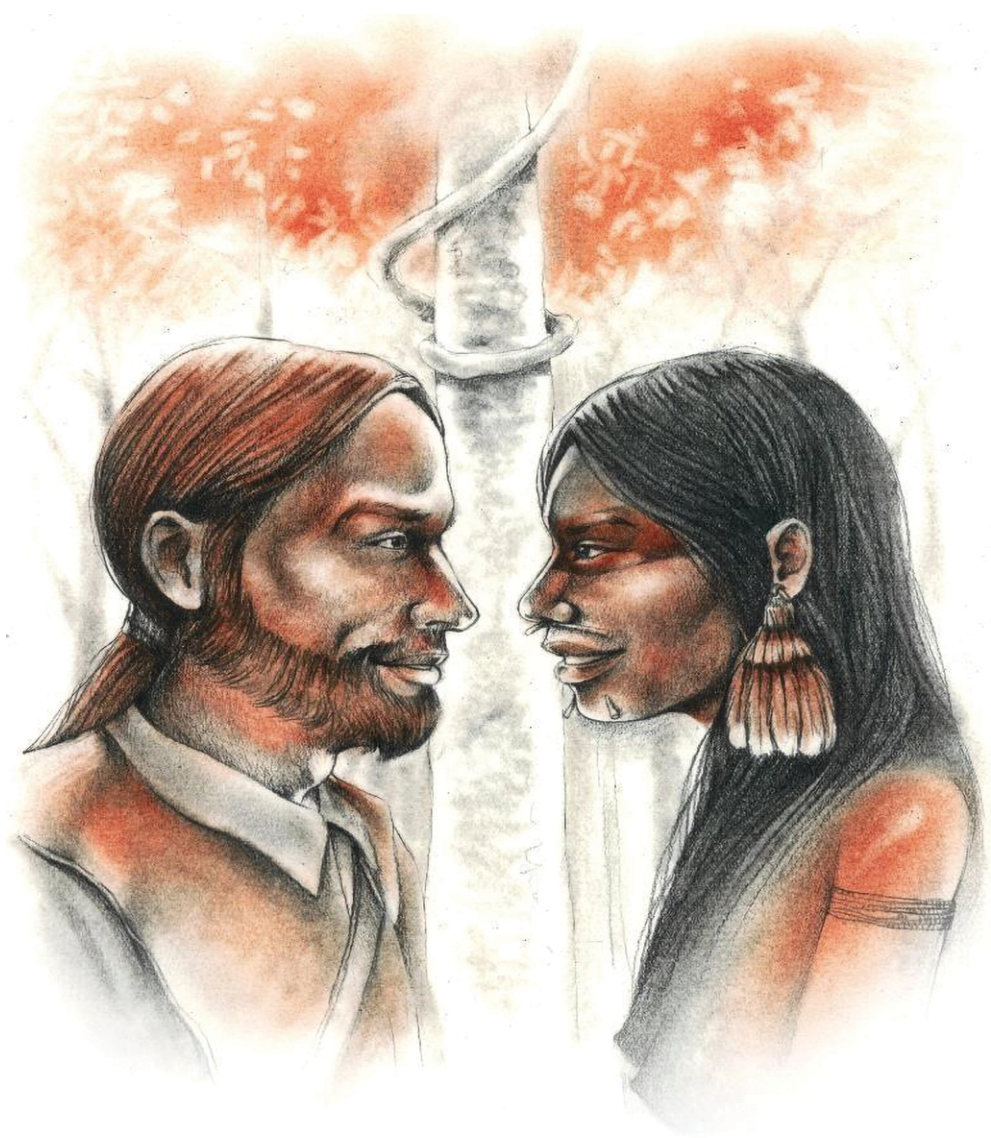
"Contam os antigos que, em tempos idos, na tribo dos índios Canoeiros, tinha uma índia muito bela, esposa de um dos futuros chefes da tribo. O tempo passou e chegou João Leite e seus bandeirantes. Dentre eles, um cativou o coração da jovem índia, o forte e valente Antônio. Começaram entre os arvoredos um lindo romance. Não tardou, esse romance foi descoberto e proibido, como também proibidos os seus encontros. Angatu e o jovem apaixonado não pensaram nos perigos que corriam e começaram a se encontrar às escondidas. Tudo ia bem para ambos, apesar de todas as pressões ao romance. Um dia, porém, os dois são levados à presença do chefe da tribo e como castigo o moço é condenado a morrer flechado e a ter o corpo queimado em uma enorme fogueira no meio da mata, enquanto ela seria obrigada a vê-lo morrer, sem nada poder fazer, presa e cercada por guerreiros da tribo. O jovem bandeirante amarrado a um tronco de árvore, ao receber as flechadas mortíferas, expira e suas últimas palavras são dirigidas à amada: "Morro por Angatu". Assim, aquele lugar teria passado a chamar-se Porangatu em

memória do amor proibido entre Angatu e Antônio”.

Folha Verde dormia. Como só nós estávamos na canoa e vendo Folha Verde adormecido, começo a ouvir os barulhos de minha infância e com eles vem a imagem de quando eu era menino, assim como Folha Verde. Eu estava na casa dos meninos, onde esperávamos para nos tornarmos adultos, aprendendo as tradições que nos eram passadas por nossos padrinhos. Era um tempo alegre, de responsabilidades, mas também de brincadeiras e risadas. Ficávamos isolados das meninas, convivíamos entre nós, aprendíamos sobre as mulheres, sobre o respeito a elas, aos mais velhos, à tradição, aos outros e à natureza. Enquanto menino, na minha aldeia do povo Xavante, fui preparado para a vida adulta, para as minhas responsabilidades e para o tempo de ser homem. Ali, na adolescência, começou meu treinamento de guerra: lutas, caçadas e muito trabalho na lavoura. Tudo para que, quando me tornasse homem, eu já pudesse me casar e constituir minha família. Sim, para isso que éramos educados: sermos guerreiros e produzir outros guerreiros. Mas o pequeno Xavante era inquieto, buscador, viajante. Muitas vezes passava dias embrenhado na mata para aprender a linguagem dos bichos, para aprender a se comunicar com eles. Fui um índio dissonante de minha nação, justamente pelo fato de ter tanta intimidade com a natureza e por aprender mais a arte da luta com os amigos animais do que propriamente com meu padrinho e os outros grandes guerreiros da tribo. Eu era a surpresa e a decepção ao mesmo tempo, fazia tudo diferente do que os instrutores ensinavam, mas conseguia superar em muito os resultados esperados. Ia pro mato ver a onça, analisar como ela atacava, como vigiava e como planejava o ataque, a emboscada. Ficava durante horas vendo o jacaré tomando sol ou espreitando a capivara na beira do rio; via o momento que a surucucu dava o bote e engolia uma lebre desavisada; via que, lá do alto, o gavião voava e voava antes de cair implacável com suas garras numa serpente ou codorna que nem imaginava que poderia padecer por um ataque aéreo. Apreendi com todos e

a eles sou muito grato. Meu espírito selvagem de busca, de viagem vem muito da observação da natureza. Tornei-me um grande guerreiro, com técnicas diferenciadas, do bote da cobra ao pulo do macaco. Ganhei muitos campeonatos, ainda juvenis e depois que me tornei adulto, especializei-me nas táticas de ataque e defesa, pois sou de um tempo em que tribos lutavam entre si por territórios. Por ter muitas vitórias em lutas e festas entre as tribos quando jovem, como adulto, tornei-me um grande guerreiro. O fogo me fascinava, hipnotizava-me. Aprendi observando que existiam espíritos no fogo e comecei a respeitá-los, assim como os da água doce e os que pairavam no vento. Por respeitá-los em seus espaços, tornei-me amigo de todos. Eu não podia falar sobre certos assuntos, pois eu não era Pajé. Então, parecia arrogância que um simples guerreiro tivesse tanta intimidade e conhecimento sobre a divina mãe natureza, foi por isso que enterrei tudo na minha memória. Nunca quis falar sobre nada disso com Folha Verde, porque apesar de ele não ter tido tempo de ter esta minha experiência, para ele, parecia tudo tão natural, como o modo dele lidar com tudo. Eu também era índio e sabia usar alguma coisa da mata para cura, mas como cada um tem um dom, o que aflorou em mim foi o do guerreiro e não o do curandeiro. Folha Verde também será um grande guerreiro, pois tem a inocência e a sabedoria dentro do coração. Essas, sim, são armas para luta neste mundo. O sono chega, preciso descansar. Vou parar aqui nesse areal, pois no meio do rio é mais seguro do que nas beiradas. Vou acender o fogo, assim espanto os negrinhos d'água que gostam de virar as canoas por farra. Amanhã, seguimos viagem, a fogueira está bem forte e as Senhoras do Fogo, as salamandras velarão por nós. Olhando para Folha Verde, eu disse:

— *Tupã t'o-ikó pe irû- namo* (Deus esteja com você).



CAPÍTULO VIII: DEBAIXO DA TERRA

Em certos pontos, o rio tinha umas reentrâncias que formavam lagoas de água parada um pouco mais escuras, mais lodosas. Não posso dizer mais tristes, porque via vida por todo lugar, como flores coloridas, animais, plantas verdinhas e uma senhora índia. Folha Verde falou:

— Vamos ver se ela precisa de ajuda, aí aproveitamos para descansar desse sol escaldante.

De longe a senhora parecia tecer algo e, ao chegar mais perto, Folha Verde disse:

— É uma sombra mulher!

Meus olhos estavam realmente cansados, pois confundi a negra senhora com uma índia. Chegando mais perto podíamos ouvi-la cantar uma música suave, melodiosa. Folha Verde, encantado, balançava o corpo de um lado para outro, como se estivesse sendo embalado no colo da senhora. Quando olhei, lágrimas vertiam de seus olhos, foi quando a negra senhora olhou e disse a Folha Verde:

— Menino do bom coração, há dias seus antepassados falam que a hora chegou, não é? Mas você construiu algo tão forte que não pode deixar virar prisão. A amizade é liberdade. Viva a vida além destes muros que você criou. Alegrias, tristezas, dores, sofrimentos, felicidades, amor, caridade, tudo isso você pode levar e receber. Seu amigo já viveu muito e além de você, mas ainda está aprendendo para um dia poder ensinar.

Respirei fundo, coloquei a mão no ombro de Folha Verde e disse:

— Ela está certa Folha Verde, a verdadeira liberdade abre as asas sobre nós, nos protege em nossas escolhas livres. Há dias, você silenciou. Não quero perder a sua alegria, o mundo não pode perdê-la. Sou seu amigo desta terra, nesta terra e com certeza onde mais nossos espíritos se encontrarem.

— Sumiu — disse Folha Verde. — A'uwe, a velha senhora já foi embora pras águas serenas, pras águas paradas, pras águas

morenas. Mais um espírito que veio nos ajudar, agora a decisão é sua. Você se queixou tanto que não via nada, que as Senhoras não apareciam para você...

Ele respondeu:

— Poxa, ela leu realmente a minha alma bem lá na profundidade do meu espírito. Ela veio trazer luz, limpar e mostrar que nada é escondido o bastante, pelo menos em relação aos sentimentos. Eu agradeço aos espíritos a ajuda e quando chegarmos ao Araguaia, eu desço, amigo, desço da sua canoa para fazer outro caminho, pois sou índio, caminho por cima da folha, embaixo da folha, em todo lugar...

A'uwe, não queria, mas estava agora com embrulho no estômago e um nó na garganta. Silêncio. O ar estava tão denso que quase podia ser cortado em fatias. Ouvimos um barulho e de dentro do que parecia ser um buraco, na beira da lagoa, saiu um índio, olhamo-nos e Folha Verde foi logo falando:

— Ai, outro espírito do brejo para me deixar triste, não! Vamos embora A'uwe. Este não era desencarnado, nem encantado, nem um dos deuses, era homem como nós em carne, osso e muita lama.

Aproximou-se e disse:

— Salve povo de cima da terra! Me chamo Tucuna'uwe.

Dito isso, convidou-nos para dentro da sua, digamos, oca subterrânea e nos contou a sua história:

— Minha nação, meu povo se chamava A'uwe Rompe Mato, isso porque andavam pelos vales, abrindo caminhos, rompendo barreiras naturais para caminhar, sempre. Sempre caminhando, nunca rompendo a tradição, mas fazendo caminhos novos até mesmo para outras nações passarem, até que o homem branco chegou, usou os caminhos que abrimos para nos perseguir e nos destruir. Acabou com quase todos os que não foram escravizados. Durante o dia, fico aqui embaixo e, à noite, saio para ver a lua. Eu me isolei dos sobreviventes porque precisava compreender o que estava acontecendo com nossa terra sagrada. Comi de tudo, de raízes a larvas e o pior de tudo,

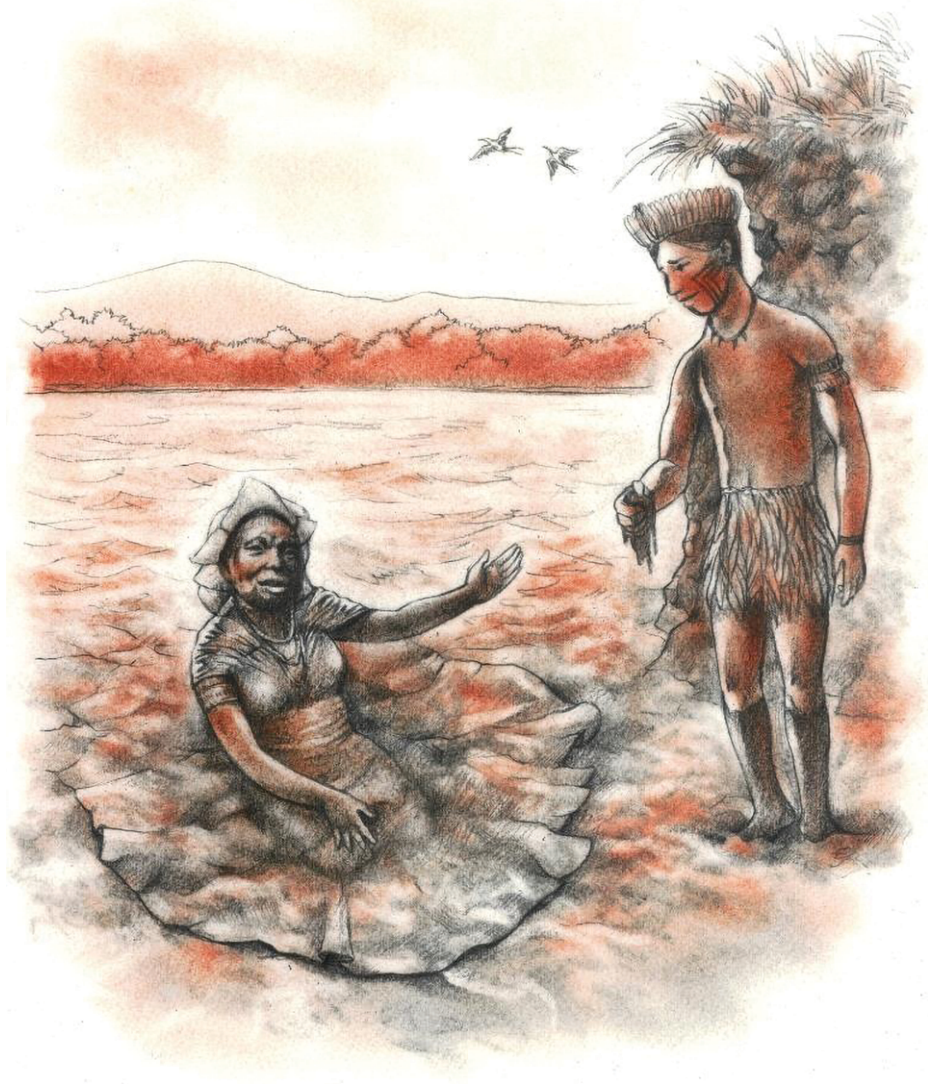
carne do branco, mas não matei para comer: comi depois de morto. A vida não acontece só na superfície da terra, mas em suas entranhas também. Eu escolhi a vida assim.

Folha Verde virou-se para mim e falou:

— Palmito nem parece tão ruim, não é, A'uwe? — e riu.

Ficamos ali o resto da tarde e passamos a noite em torno de uma fogueira ouvindo mais histórias de Tucuna'uwe. Ele também foi guerreiro, filho de Ogum, como eu, mas também dizia ser filho da terra, do verde, da água, de Oxóssi. Dizia que todos possuem uma parte de cada Senhor e Senhora da natureza, que somos filhos amados de todos, pois são pais e mães. Eu, A'uwe, trabalhava ainda esta ideia. Para Folha Verde era tudo natural. Dormimos. Com o sol raiando, seguimos viagem, mas não sem antes dar uma ponteira para Tucuna'uwe, que, enquanto a canoa se afastava, cantava alto:

“Sete cores por vir... e virão, pois é promessa de Tupã. Restaurar o amor, o colorido, o brilho. Tudo voltará a reinar no coração do homem, todos nós trabalharemos juntos para isso”.



CAPÍTULO IX: CORAÇÃO DE FOGO

Eu queria muito chegar à Ilha de Marajó, mas também queria pular o rio das Araras Vermelhas, pois ali eu e Folha Verde nos despediríamos. Eu estava me preparando e lembrando das palavras da velha Mãe da Água Parada, das palavras sobre escavidão e liberdade. Eu e Folha Verde trouxemos na canoa um pouco de barro que o caboclo do fundo da terra nos deu. Ele disse que aprendera a fazer medicina misturando ervas com lama e que a cura pode vir do barro, sim. Por isso, o índio faz tudo com barro: de pote a prato, de prato a panela. Remando, desafiei Folha Verde: que fizesse algum objeto com o barro e não me mostrasse, pois quando parássemos à noite, eu faria algo também e depois veríamos quem ganhou na criatividade. E assim foi. Folha Verde terminou sua obra e escondeu entre as folhas. Depois que encostamos a canoa, acendi o fogo e ele adormeceu, parecia realmente cansado. Pela manhã, acordei o jovem índio e disse:

— Veja só o que fiz, devo ter ganho de você disparado.
— quando Folha Verde tirou seu objeto de baixo das folhas, eram idênticos, gêmeos.

Olhamo-nos e foi então que percebemos que a convivência havia nos presenteado com o entendimento das nossas almas, era o sinal de nosso elo espiritual. Cozinhamos as jarras no fogo e continuamos seguindo viagem. De repente, o rio das Mortes ficou cheio de corpos de todas as cores: brancos, negros, pardos, irmãos tupinambás, bororós, tupiniquins. Encostei a canoa num manguezal, pedi para o Folha Verde ficar quieto e usar sua habilidade de falar com os bichos para saber o que tinha acontecido, foi o que fez. Perguntou a uma arara-azul e ela respondeu:

— Todos enlouqueceram, é a febre, a malária. Começaram a lutar entre si, pois as alucinações tomaram conta de suas razões.

Ainda ouvíamos disparos de paus de fogo vindos da mata. Logo à frente, pedi para Folha Verde ficar abaixado e quieto na canoa. Mais uma vez, fiquei falando com a figueira.

Folha Verde já estava há uns duzentos metros longe de mim, caminhando no manguezal. Fui a atrás dele e falei:

— Estamos progredindo no diálogo, você nem saiu correndo.

— A situação requer cautela — respondeu —, o Senhor das Matas quer nos falar, você está pronto?

— Sim —, eu disse. Dito isso, uma árvore se arranca do chão e caminha em nossa direção. Fiquei pasmo. O Pequizeiro disse:

— Sou a vida, sou a terra em que tudo nasce, em que tudo brota. Sou o ar puro que vocês respiram, sou a seiva, sou a relva, sou o pássaro, a cotia, o tatu. Sou tudo que é vivo e livre, sou tudo que é verde e cheio de esperança, sou o Senhor que conhece melhor cada um, pois estou o tempo todo com vocês, seja no que pisam, no que comem ou no que respiram. Não tem como o filho do Senhor do Aço não ser meu filho também, se esse metal já foi mineral que veio da terra. Sou caçador, curador, sou Oxóssi, sim, Senhor! Juntos, vocês irão aprender uma grande lição, mas para que isso seja sua salvação no futuro, terão que virar bicho para chegar mais perto do homem branco e compreender que nem tudo está perdido. Você, Folha Verde, será um lobo, e você, A'uwe, será uma pantera.

A grande árvore deixou cair algumas de suas folhas sobre nós e, nesse momento, fomos encantados.

Depois disso, fomos para perto do acampamento dos brancos. Chegamos perto de uma tenda onde ouvimos um lamento mais ou menos assim:

— Meu deus! Não quero fazer mais mal a estas pessoas que são donos de tudo aqui, fazer barbáries com suas mulheres, com suas filhas. Quanto mal estamos fazendo a esse povo! Deus misericordioso, protetor do povo da Espanha, me impeça de levantar a mão contra a ingenuidade dessa gente. Que minha arma não dispare, que minha espada se quebre sem os tocar, que nossas correntes se partam sem os aprisionar. Sede, Senhor, mais forte e que vossa mão seja poderosa; que eu perca meu corpo se for da vossa vontade, mas não a minha alma.

Outros ali planejavam esquartejamentos, estupros, enquanto, de um canto, vinha uma oração pela vida. Voltamos até o Senhor de tudo que é verde e ele nos fez voltar a ser índios, foi então que eu disse:

— Aquele soldado é diferente, não achou, Folha Verde?

— Eu senti, A'uwe, o coração dele em brasa por todo mal que é obrigado fazer. Um branco de alma indígena, um branco caboclo da língua enrolada, a compaixão dele mostra que não está tudo perdido. Tupã tenha piedade daquele pobre homem.

Fomos dormir, a experiência de ser bicho tinha mexido comigo. Não sei se Folha Verde estava acostumado, mas remar é melhor que bater asas. Dormimos, mas não longe o suficiente do conflito. Acordamos no meio dos tiros.

— Folha Verde, vá para dentro da água, finja que está morto e só assim viverá.

Quanto a mim, comecei a lutar. Peguei uma espada que estava com um guerreiro abatido e, como já havia treinado com esta arma, comecei a lutar. Já me vendo cansado e sozinho contra vinte homens brancos que cercavam a mim e a outros irmãos também, só tive tempo de ver uma espada que reluzia seu aço atirada contra meu peito. Fechei os olhos. Nesse segundo, pedi aos antepassados que protegessem Folha Verde e esperei pela dor. Ela veio, mas não em mim. O soldado que ouvimos em oração, na noite anterior, se atirou na minha frente e o aço da espada transpassou seu peito e seu coração. Assustados com o gesto, meus irmãos começaram a revidar e a espantaram os homens brancos do local. Caído nos meus braços, o soldado que tinha vindo de terras tão distantes para matar e destruir e salvou a minha vida. Folha Verde veio rapidamente e com algumas ervas na mão.

— A'uwe, pai Oxóssi estava certo, vamos acreditar na mudança.

Em seus últimos suspiros e agonizando em meus braços, o homem murmura:

— *Perdón*, senhor da selva, *perdón* a su pueblo por tudo

que *hicimos a ellos*.

Eu e Folha Verde, que só tínhamos visto e ouvido os horrores dos homens brancos, estávamos completamente comovidos e eu mais ainda. Falei a Folha Verde:

— Corra na canoa e me traga uma ponteira.

Ele foi, trouxe o objeto e a entreguei ao grande guerreiro, pois um homem que dá a sua vida pela do outro tem que ser muito grande de espírito.

— Você me deu mais uma chance de cumprir meu destino e isso não vi no mapa do índio das estrelas. Talvez tenham coisas que não se devam falar mesmo, mas aqui está o símbolo de minha amizade por você, caraíba. Este é o símbolo e a promessa de que vamos nos encontrar no lar dos antepassados e você pode me esperar para lutar ao meu lado quando minha nova hora chegar.

Dizendo isso, puxei a espada que atravessava o coração do guerreiro e, para minha surpresa, o sangue da lâmina pegou fogo, deixando a espada incandescente, flamejante em minhas mãos. Folha Verde falou impressionado:

— Guerreiro do coração puro e inflamado de amor, tocado pela Senhora das Águas Doces, que chorará seu corpo, agora inerte, mas Oxum te preparará sempre um coração grande para quando nos encontrarmos em outra luta, a espiritual. Você guerreiro do elmo abaulado, terá seu nome gravado nas estrelas. Eu, Folha Verde, e A'uwe damos nome a seu espírito imortal de "Espada Flamejante", o amor que Oxum faz Ogum inflamar em seus filhos, o amor da batalha pela vida.

Arrastei o corpo do soldado para o rio e deixei que Oxum o acolhesse em seu leito e o levasse ao encontro de nossos antepassados. Nesse momento, toquei a água doce do rio, estava salgada. Folha verde, serenamente, disse:

— Foi na beira do rio, onde Oxum chorou, chorou, aiê iê ô, chorou mais um filho seu... O rio está assim A'uwe porque a Grande Mãe está triste, mas você deve ficar alegre, pois aprendemos mais uma lição juntos: não devemos julgar ninguém pela cor, raça ou pelo que acreditam. Façamos o nosso melhor.

Folha Verde pegou a ponteira que ficara no chão, fez um cordão bem bonito com sementes e me entregou dizendo:

— A'uwe, essa é sua, você também merece. E lembre-se: essa ponteira é mais importante, pois é a vida que alguém te deu. Aquele menino já tinha virado homem, pelo menos de caráter e força. Foram tantas as batalhas ao longo de nossa jornada juntos, que lutando da forma dele, hoje me convenço que ele está preparado para seguir o seu destino, já me sinto mais aliviado e mais triste. A'uwe, é impressão minha ou você está diminuindo o ritmo da canoa no rio? — perguntou.

— Estou mesmo, estou protelando a sua ida.

— Para com isso, quanto mais você protelar a minha partida, mais vai atrasar a minha volta ou você acha que não chego nessa ilha da boca do grande rio? Preciso só fazer outro caminho para chegar ao mar onde a minha nação viu o homem branco chegar. Lá, tenho ainda uma história com o povo sombra, que vou precisar vencer, mas vou alegre porque tenho a promessa de que vou voltar a te encontrar.

Assim, chegamos à foz do rio das Mortes, onde suas águas encontravam as do rio Araguaia. Atravessei o rio, Folha Verde desceu, acenou com a mão e quando se virou para ir, eu disse:

— Tenho uma ponteira especial para você. Além das penas que colocou, eu pus na sua uma pena verde, uma pena branca, uma pena amarela e uma pena laranjada. Lembra que Tucuna'uwe cantou "sete cores por vir..."? Você, meu grande amigo, tem este compromisso de trazer as sete cores nessa ponteira para mim de volta.

Não tivemos lágrimas, só sorrisos. Partindo para o meio da mata, Folha Verde, meu irmão, gritou:

— Durante a lua cheia poderemos nos falar, lembra dos vasos, somos um só coração, um único espírito dividido em duas energias, A'uwe, Ogum Yara pelos rios da terra que te conduz.

Segui, um pouco mais triste e agora sozinho.



CAPÍTULO X: A POROROCA

Quanto para mais longe eu remava, mais o silêncio me envolvia. Sentia muita falta de Folha Verde, pois, por muitas vezes, sua risada e sua alegria quebravam o silêncio da jornada. Minha canoa estava mais triste, mas não tanto quanto eu. Porém, não podia me ater a isso, pois tinha o rio pela frente. O Araguaia era mais temperamental que o rio das Mortes e, em alguns trechos, eu tinha que colocar a canoa nas costas e andar sobre as pedras, sobre os areais e outros trechos de correnteza. Porém, em todos eles, sentia-me sozinho. Em alguns momentos, a canoa me levava, em outros, eu levava a canoa. Agora, a cabeça que uso para contar a minha história é minha companheira mais conflitante, pois sempre está preocupada em não apresentar devidamente a história de minha vivência na carne. Mas o que deve ser entendido, cabeça, não é uma história de mocinhos e bandidos: é a história de uma vida. Assim como um rio tem vários afluentes que o ajudam a ficar mais forte e robusto, a vida, com suas alegrias e tristezas, ajuda na robustez e no amadurecimento espiritual. Não existe mundo de um homem só, nem nada que não mude. Tudo aqui na minha canoa só vem porque assim quero. Poucos sabiam sequer que vivi nesta terra e agora, depois que a cabeça deu sua fé expressa por minhas palavras, saberão que um homem enfrentou o mundo que não conhecia porque teve que amadurecer na carne para que, em espírito, pudesse levar a todos palavras de coragem, força e amor. Agora que a cabeça entendeu e que o coração se apaziguou, nas minhas mãos está de novo a minha viagem. Foram dias remando sem descanso, pois meu objetivo tinha que ser alcançado. Eu ainda passei por várias batalhas entre irmãos de terra, entre brancos e negros, mas, na minha canoa, sempre tinha espaço para corações aflitos e almas desesperadas. Parei para descansar e dormir um pouco. Senti fome e falta do palmito. Comi frutas, bebi água das bromélias como me ensinou meu amigo Folha Verde e dormi mais uma noite olhando para a lua cheia, pensando onde estaria o jovem guerreiro. Fui acordado pela manhã

por um curumim que havia fugido dos caçadores brancos que escravizaram o seu povo. Dei comida a ele e perguntei de onde era. O indiozinho me respondeu:

— Da grande ilha que fica na boca do mar das águas da Grande Mãe Sereia.

Eu já estava familiarizado com os termos, pois o povo de pele negra, as sombras, ensinou-nos os nomes de santos dos brancos e dos seus orixás e nós ensinamos a eles os nomes dos nossos protetores. Ofereci carona, mas, assustado, falou:

— Se formos, agora vamos morrer, pois é tempo da Grande Castigadora varrer os rios em busca de Jacy.

Um arrepio percorreu a minha espinha. Só agora entendi o que ele quis dizer quando batizou a canoa com nome de Jacy. Pedi para o pequeno curumim me contar a história e, assim, ele contou:

— Diz a lenda que, antigamente, a água do rio era serena e corria de mansinho e as canoas podiam navegar sem perigo. Nessa época, a Mãe d'Água, mulher do boto Tucuxi, morava com a filha mais velha na ilha de Marajó. Certa noite, elas ouviram gritos, os cães latiam, as galinhas e os galos cacarejavam. O que é? O que não é? Tinham roubado Jacy, a canoa de estimação da família. Remexeram, procuraram e nada. Ao encontrar a Mãe d'Água, esta resolveu convocar todos os seus filhos: Repique-te, Correnteza, Rebujo, Remanso, Vazante, Enchente, Preamar, Reponta, Maré Morta e Maré Viva. Ela queria que eles achassem a embarcação desaparecida, mas passaram-se vários anos sem notícia de Jacy. Ninguém jamais a viu entrando em algum igarapé, algum furo ou mesmo amarrada em qualquer lugar. Certamente estava escondida, mas onde? Então, resolveram chamar os parentes mais distantes: Lagos, Lagoas, Igarapés, Rios, Baías, Sangradouros, Enseadas, Angras, Fontes, Golfos, Canais, Estreitos, Córregos e Peraus para discutir o caso. Na reunião, resolveram criar a Pororoca, umas três ou quatro ondas fortes que entrassem em todos os buracos dos arrebaldes, quebrassem, derrubassem, escangalhassem, destruíssem tudo, salvassem

Jacy e pegassem o ladrão. Ficou determinado que a caçula da Mãe D'Água, Maré da Lua, moça danada, namoradeira, dançadeira e briguenta, avisaria sobre qualquer coisa que acontecesse de anormal. E foi assim que, pela primeira vez, surgiu em alguns lugares o fenômeno, empurrado pela jovem moça, naufragando barcos, repartindo ilhas, ameaçando palhoças, derrubando árvores, abrindo furos, amedrontando pescadores... Até hoje, sempre que Maré da Lua vai ver a família, é um deus nos acuda! Ninguém sabe de Jacy e a Pororoca segue, destruindo quem ousa ficar na frente, cumprindo ordens do boto Tucuxi que, resmungando danado, diz: "Pois, então, continue arrasando tudo".

E eu achava que Folha Verde não entendia de táticas de guerra. Danado. Mais uma vez fiquei muito feliz por ter um amigo que cuidava de mim mesmo longe, pois assim são os amigos de verdade. Nesta jornada, aprendi que podemos estender a mão para muitos, mas, se as pessoas não quiserem se ajudar, nada podemos fazer. Por fim, disse ao curumim que eu venceria a tão terrível vingadora. Ele confiou em mim, subiu na canoa e seguimos para a foz do rio Amazonas. Estrondos fortíssimos pude ouvir ao longe. Primeiro um agito manso das águas, depois, contemplei visualmente a tirana das águas vindo feroz, varrendo tudo que estava pela frente, já vinha pelo agora rio Tocantins, onde estávamos, engolindo tudo, as árvores do leito e as canoas que tentavam subjugar-la. Eu dei meu grito de guerra:

— Sou filho de Ogum, não fujo à luta, mas não quero briga com a Senhora, quero sua ajuda.

No meio dos estrondos, a voz me desafiava:

— Já engoli grandes guerreiros e suas grandes embarcações. Você, A'uwe, cujo nome já conheço, porque as águas cantam sua história, não será a batalha das mais temidas que vencerei.

— Está enganada, não vim lutar, vim acabar com sua eterna luta e busca — gritei —, é Jacy, levo à ilha de Marajó.

A onda parou suas águas quando já se enrolavam na ponta da canoa. Ali estava o nome que Folha Verde pôs, Jacy. Coloquei na água, também, o manto que a Grande Oxum me

dera para não passar fome e os peixes de todos os rios vieram (acarás, bagres, aruanãs, carpas, curimbatás, jaús, lambaris, dourados, pintados, pacus, pirarucus, piracanjubas, piaparas, piraputangas, tambaquis, tilápias, traíras, tucunarés, piranhas e até mamíferos como botos e peixes-bois) e, com a força de seu nado, empurravam a pororoca para trás. Já eram milhões quando a Grande Maré disse:

— É realmente um presente da Mãe da Água Doce, Suprema Senhora dos Rios. Não posso ir contra isso. Mesmo que a sua canoa não seja a verdadeira canoa de estimação da Mãe D'Água, é abençoada por ela. A justa homenagem que você fez é sua salvação. Vou virar a maré pela primeira vez na história desses rios para poder levá-lo até a grande ilha rapidamente e de forma segura.

Assim fez a Pororoca. Quando vimos, já havia passado por baixo da canoa e nos empurrava velozmente pelo rio. O curuminzinho mal acreditava no que acontecia.



A pororoca vinha violenta, engolia tudo, era a grande vingadora...

CAPÍTULO XI: A ILHA DE MARAJÓ

Cumprindo sua promessa, a Pororoca nos deixou na beira da praia, mas antes dela voltar, pedi, ajoelhado na areia:

— Grande onda que tudo leva e tudo traz, te dou neste momento o manto da Grande Senhora Oxum, para que, quando encontrar meus amigos pelos leitos dos rios que invade, diga a eles que aqui estou e, se puder, traga-os para cá nos dias que serão meus últimos nesta terra.

Ela, então, perguntou:

— Como é que reconhecerei os seus amigos?

Todos carregam este símbolo, uma ponteira como esta. O jovem índio que batizou a canoa se chama Folha Verde.

— Assim será feito — e foi embora cantando —, “o amor de lemanjá, o mistério das sereias...” — o curumim me pegou pelo braço e me levou para a sua tribo, que se tornou a minha tribo também.

Ele contou ao cacique sobre o grande guerreiro que venceu a Pororoca, sem lança, arco ou flecha, mas com sabedoria. Então, tornei-me uma espécie de pajé, afinal, aprendi muitas formas de curar com Folha Verde, assim como com a minha tribo que, como já havia dito, exercitava muito a cura, e me tornei defensor da cultura daquele povo. Eles ficaram impressionados com a forma como eu já sabia lidar com o barro, dar forma a ele. Nesta tribo, ensinaram-me a fazer desenhos e dar formas mais perfeitas aos vasos que eu fazia, mas, mesmo estando ali, parecia que um pedaço de mim faltava. Eu estava sempre cercado por muitos índios, muitos deles me procuravam, mas parecia que eu estava num deserto cercado de gente por todos os lados. O “pai tempo” passa todos os segundos por nós, mas uma coisa que o índio aprende desde muito cedo é a ter respeito pelos mais velhos. Os dias foram passando e, numa manhã, acordei, porém, não pude ficar em pé. Fizemos de tudo o que a botica indígena podia fazer. Todos os rituais para espantar os maus es-

píritos, mas nada resolveu. Fiquei meses deitado e aquilo me afligia muito, pois sempre fui dinâmico, corredor de pernas fortes. Certo dia, um jovem índio veio ter comigo:

— Tive um sonho esta noite. Nele, a Mãe do Mar me disse que se eu te desse as minhas pernas, você me daria o seu tesouro mais precioso: sua amizade. Claro, porque você é nosso pajé, nosso guerreiro e sabe das artes da cura e da guerra, mas o que te faz forte perante todos também te distância de nós.

Quem diria, eu, A'uwe, ainda estava aprendendo que para ter um lugar de destaque numa tribo, era preciso esforço dobrado para que a vaidade não seja maior que o ato de servir. Respondi:

— Está bem! E quando vai cortar suas pernas e me dar?

O jovem índio respondeu:

— Eu, descendente dos Caruanas, não disse que te daria as minhas pernas, não no sentido de cortá-las, mas no sentido que eu seria as suas pernas.

À partir desse dia, o jovem índio me levava nas costas para qualquer lugar que eu quisesse, sem reclamar. Só me pedia para, uma vez ao dia, nadar no lado do mar, na grande calunga, como diziam as sombras negras. Por este motivo, dei um novo nome a ele. Chamei-o de Índio do Mar. O jovem índio gostou do nome e, em retribuição, contou-me sobre os Caruanas:

“Os Caruanas ou Encantados são as energias viventes nas águas. Esses entes encantados possuem missões que só podem ser cumpridas através de um pajé. O básico das missões de um Caruana é, em determinado tempo, preservar o equilíbrio natural, mas, em sua grande maioria, dedicam-se à cura do vivente da Terra. Eles vêm em auxílio dos humanos que sofrem e lhes trazem alento às dores e a cura para seus males. O pajé possui também uma missão que é a de ser a ponte, o elo com o Mundo dos Encantados. É através do pajé, no ritual da pajelança, que os Caruanas conhecem as necessidades dos viventes. É através dele que os Encantados produzem cura no corpo físico, equilibram os desvios da mente e cuidam do nosso interior, nosso

princípio de vida, o espírito. Finalmente, após cumprir as tarefas impostas pela Natureza, os Caruanas descem por uma Escadinha de Coral encantada, onde, gradativamente, são submetidos a uma transformação decrescente. Quanto mais desenvolvido o Caruana, mais ele percorre o caminho inverso para as profundezas. Sua aparência também vai se modificando até atingir sua forma mais elementar. Torna-se água novamente, a origem de tudo, o elemento principal e fundamental da vida, o que nos sustenta, dá forças e energias.”

Alguns anos se passaram e, certo dia, eu não quis sair da minha oca. Chamei o Índio do Mar e disse:

— Por todos esses anos que você foi as minhas pernas, por todos esses anos que você me ajudou, está aqui a ponteira da amizade, a sexta das sete que Folha Verde fez. Esta é a prova de que somos amigos aqui e em qualquer lugar que nos encontrarmos no reino dos antepassados.

Ele, então, me agradeceu e me prometeu que ali o homem branco não me afligiria. Respondi dizendo que isso não me importava mais e ele me pediu para eu contar uma história do meu povo, então falei:

— Há muito tempo, num tempo que nem se contava, num tempo que não havia aqui e ali, mas havia tudo para todos, existia respeito. Porém, também havia conflitos territoriais entre as tribos. Do meio da mata, a grande nação Akuen se erguia entre as serras e os rios. Nesta grande nação, existia um jovem guerreiro que teve de lutar não só contra o homem branco, mas contra seu próprio povo, sua própria tradição e isso o fez forte. Akuan, como era conhecido para diferenciá-lo dos outros Akuens, casou-se e teve uma filha doente. Naquele tempo, ter um filho doente significava o fim, a morte. Nascer com algum tipo de deficiência era motivo para ser estigmatizado como causador das desgraças e desventuras do povo e, por isso, Akuan teria que matar a própria filha. Nas tribos, matabam-se os filhos doentes enterrando a criança viva. Akuan era cacique, ele sempre observou as tradições e as leis. Sempre foi

irredutível no cumprimento das leis da tribo até que a Lei Maior decidiu dar uma oportunidade de mudança a ele. Para não sacrificar sua filha, e como os pais das outras crianças formaram um poder paralelo exigindo que ele cumprisse a tradição, o coração, o amor de pai falou mais alto. Akuan decidiu ir embora de sua tribo com sua família e morar na mata para criar sua filha com amor. Enfrentou séculos de tradição quando sentiu a dor na própria pele. Não se calou como os outros, gritou:

— Eu sou guerreiro, o filho do Senhor da Guerra, do senhor que, com a magia do fogo, transforma tudo. Mas, agora, haverá uma grande transformação. Agora, minha guerra é pela vida e, enquanto existir possibilidade, eu usarei todas minhas armas para salvar e curar qualquer ser que viva sobre este solo sagrado, que é a Mãe Terra. Perante os ancestrais, pelo sangue que derramei sem consciência, pelas vidas que ceifei em nome de um costume, eu, Akuan, aqui e no mundo dos ancestrais, farei do meu Jacutá, uma tribo, uma casa de amor, serviço e cura.

Certo dia, apesar de todos os cuidados dedicados, a pequena filha de Akuan morreu e seus últimos suspiros foram dados nos braços daquele índio. Com a pureza de seu amor, ela se encantou e se tornou uma águia que até hoje acompanha o espírito do grande Akuan, assim chamado por muitos curumins e muitas famílias que ele acolheu depois da partida de sua filha. Akuan fez uma nação grande, onde os excluídos, os rejeitados, tinham dele o respeito e o amor de um pai, construiu um exército de bravos guerreiros e seguidores, ferozes por defender a vida, e estes guerreiros juraram obediência e fidelidade a ele. Onde quer que seus espíritos estivessem vagando pelo universo, quando Akuan precisasse, era só bater o atabaque e chamá-los que de pronto eles estariam com ele. Akuan deixou para todos os seus descendentes um direcionamento de postura para a vida: “Os filhos estão na minha tribo, na minha casa, são trazidos pela dor, necessidade ou pela fé. Quando a dor suaviza, a necessidade desaparece, a fé arrefece. Zambi atende todos os pedidos pela fé. Assim, desaparecendo a necessidade,

quando a fé arrefece, a dor pode voltar. Meus filhos, se o sol está entrando em suas vidas, cuidado com o retorno dos maus tempos. Só a fé é ouvida por Zambi. Fé e dedicação, culto aos espíritos e o interesse pelos necessitados ante os seus. Prefiro ter os filhos da minha casa pela fé do que pelo retorno da dor.

O Índio do Mar, emocionado, contou-me:

— A minha tribo também fazia isso, mas houve um dia em que a Grande Mãe do Mar e a Grande Mãe do Rio invadiram a aldeia com suas águas e desenterraram os corpos das crianças e as levaram embora. Nós entendemos que a mãe tem direito sobre os filhos, sejam eles perfeitos ou não. Sempre, desde nossa origem, cultuamos a Grande Mãe Água: ela, que nos dá a vida, que nos sustenta, ela, que nos é tudo. Eu me tornei as suas pernas, aprendi assim. Aprendi a ser assim, devemos ser sempre o bem para o outro e, se o outro tem uma falta e podemos preenchê-la com um ato de compaixão, é para isso que a Mãe Água nos gerou, é para isso que viemos para este mundo.

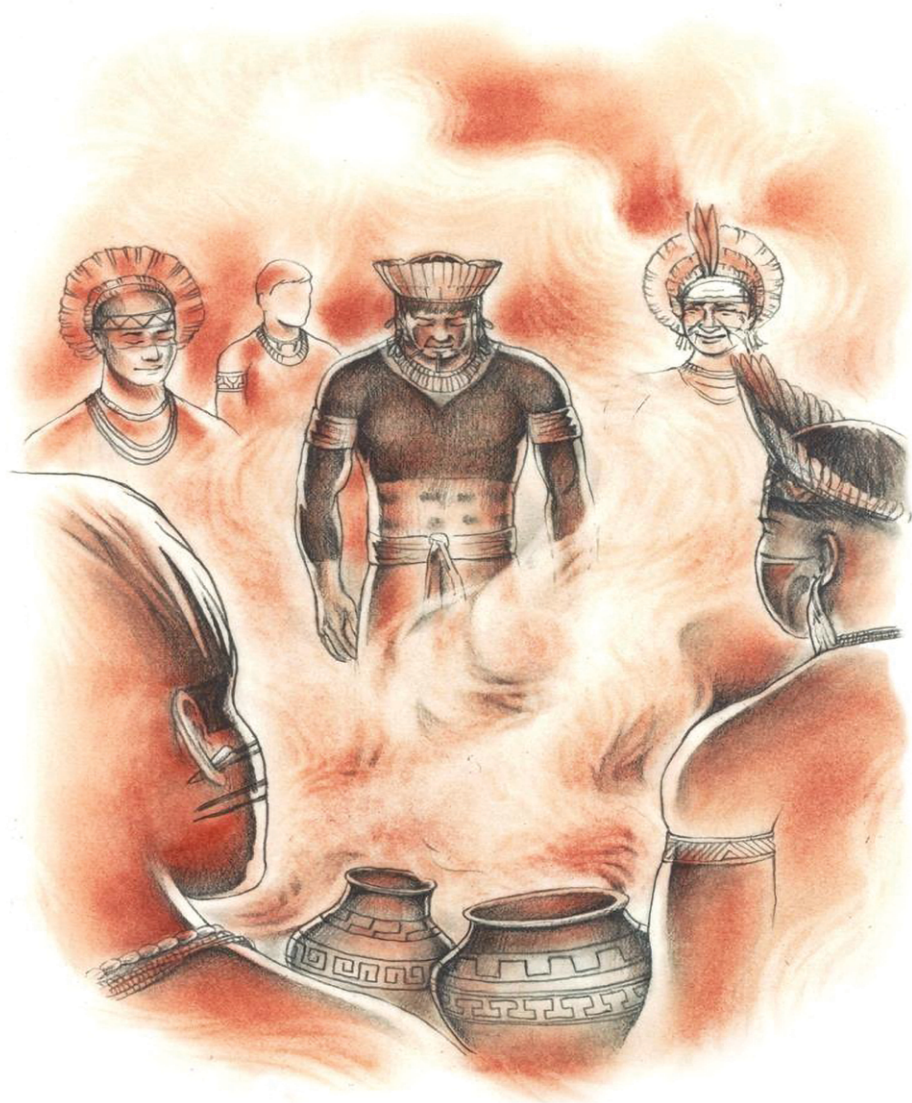
O Índio do Mar ainda me perguntou:

— Você, A'uwe, buscou muito o saber?

— Nunca foi minha intenção buscar sabedoria depois do que aconteceu na minha tribo — respondi —, mas a sabedoria andou na minha canoa e eu soube escutar cada história e aprender um pouco com cada uma delas. Eu remei, remei, aprendi com os mais jovens e com os mais velhos. Aprendi, porque um jovem índio me ensinou a diferença entre ouvir e compreender e te digo: se você ouviu e não compreendeu, pergunte, pergunte muito, pois quem pergunta é ignorante até o tempo de uma resposta vir, quem não pergunta fica ignorante a vida toda.

A noite caía, em olhos pesados que, já cansados, se fecharam. Adormeci. A ilha tinha um poder de deixar os sonhos tão reais... Sonhei que estava numa reunião com vários outros espíritos de outras tribos. Reconheci Akuan entre eles, pois sua águia estava em seu braço. Akauan (a águia) piou e me olhou fixamente nos olhos, foi quando acordei. Mais dias se passaram e eu podia sentir minhas forças deixando o meu corpo, mas algo ainda

me prendia na terra. Para passar o tempo, o tempo que ainda me restava, comecei a fazer objetos de barro até que, numa tarde, ouvi a Pororoca fazer o caminho contrário pela segunda vez na história das marés. Meu coração se inundou de alegria.



CAPÍTULO XII: HUMAITÁ

Deitado na esteira dentro de minha oca, ouvi a Pororoca indo embora e um belo canto era entoado por várias vozes por mim conhecidas. O canto era a minha vida: “Sete vezes cantar, sete beiras abrir, sete ponteiros do mar, sete cores por vir, sete mares em um, com a força de Ogum, o amor de le-manjá, o mistério das sereias e a lua que mareia, sete ponteiros do mar”. Todos os meus amigos do caminho ali estavam me rodeando, todos menos um: Folha Verde. Meu coração misturou a água salgada da tristeza com a água doce da alegria por ver meus outros amigos ali vindo me visitar. Matamos a saudade, conversamos muito, rimos, choramos. Finalmente, tomei coragem e perguntei:

— Folha Verde já foi para o reino dos ancestrais?

Todos se entreolharam e o Índio da Manhã respondeu:

— Não, ele foi ali pegar um palmito!

Meus olhos se encheram de água, que inundou o meu sorriso, e sorri de alegria. A luz entrou mais forte quando meu amigo Folha Verde entrou em minha casa.

— Já é um homem feito —, disse a ele.

— Um homem, sim, mas o único com cento e oitenta luas eternas —, e ria, e ria.

Era ainda aquele menino, mesmo dentro daquele corpo de homem feito. Se tive um dia mais alegre em toda minha caminhada, foi esse. Folha Verde ainda disse:

— Entendeu porque batizei a sua canoa de Jacy?

— Como você sabia? — falei emocionado.

— Ouvindo e respeitando sempre os mais velhos —, disse-me ele.

Ainda poderíamos conversar durante anos, mas me lembrei do trato com a Pororoca e já estava chegando o momento da minha partida. Antes, tive que perguntar ao meu grande amigo:

— Por onde você andou, Folha Verde?

— Caminhei, até onde os brancos invasores de nossa terra hoje chamam Bahia. Lá, fiz uma canoa e desci o rio Cachoeira até chegar à boca do mar, na cidade que chamam de Ilhéus. Lá, fui escravizado pelo homem branco, mas acabei conhecendo uns homens de saia que falavam enrolado, bem enrolado. Falavam no Deus deles e tentaram me ensinar sobre o Homem da Cruz, até que um dia, eu disse: "Nossa, vocês fizeram isso com o Senhor de vocês?" Imaginem o que não fazem com os escravos! Sofri, passei por tudo que a Senhora da Lama falou. Vivi, fugi e agora cumpro minha promessa, estou aqui.

Pedi a meus amigos para me colocarem na minha velha canoa de guerra e de paz. Assim fizeram. Vi a águia de Akuan sobrevoar a tribo e fui sentindo meu corpo parando. Lá de dentro da minha canoa, partiria agora para outra viagem. Todos meus amigos cravaram as ponteiras nas laterais da canoa e cantaram o ponto de minha vida, o ponto que escreveu meu nome pelos rios do Brasil, o ponto que meus amigos continuam entoando pelos ares, terras e mares. Mas você deve estar se perguntando: não faltou uma ponteira para fechar as sete? Se uma foi para o Índio da Manhã, outra para Tucuruvú, outra para Tucuna'uwe, outra para Espada Flamejante, mais a que ficou comigo, outra para Folha Verde e outra para o Índio do Mar, onde está a sétima? Entregarei a Akuan, que cura com a Luz do Sol da manhã.

Assim, senti meu último sopro de vida. A Senhora dos Ventos não veio buscar minha alma, quem tirou meu espírito da matéria foi a águia de Akuan que, com seu pio, fez meu espírito se desprender da carne. Sentindo nova força gritei:

— Agora deixo de ser A'uwe e pela força da amizade de vocês renasço. Eu sou Sete Ponteiras do Mar e através de mim o Senhor Ogum falará a todas as gentes, ressoará no tambor dos guerreiros, ecoará nas matas e unirá as nações para lutarem por seus direitos humanos. Os amigos que já foram começaram a lutar comigo pela vida e vocês que cumprem ainda seu destino na carne, um dia renascerão e onde eu estiver batalhando, estarão ao meu lado. Todos nos juntaremos na corrente que Akuan

está construindo, seremos eles soldados pela força da fé. Como as folhas renascem nas árvores, como os peixes renascem na água e os pássaros, no céu, todos vocês renascerão, eu prometo, pois Akuan diz que não se pode matar o que não se pode morrer: “a eternidade do espírito”. Eu sou Sete Ponteiras, agora do Mar, pois assim como serei portador da coragem de Ogum, distribuirei, também, o amor de Oxum e Iemanjá. É o ventre desta que acolherá o meu corpo. Enfeitem a canoa e meu corpo com colares de flores e entreguem ao mar. Eu sou Sete Ponteiras do Mar, me torno agora... A luta do guerreiro... para sempre.

Enquanto o mar recebia o corpo, o espírito era levado nas asas da esplendorosa águia de Akuan para Humaitá. Os espíritos ancestrais já o esperavam para trabalharem juntos, lá nas estrelas, por um mundo mais justo, mais irmão, pleno de amor e respeito pelo próximo.



"...Voar, voar, subir, subir, ir por onde for, descer até o céu cair..."
(Biafra)

Curitiba
[julho de 2025]

Este livro foi produzido pela Edições Tempora para o edital
Publicação de Obras Literárias - Outras Palavras utilizando
a fonte Figtree sobre papel Avena 80g/m2